

James McKentim

*Est. d'Acad. Reel B.A. de La<sup>e</sup>*

## JOSÉ GOMES MONTEIRO

Carta ao proprietario da REVISTA CONTEMPORANEA

*Meu amigo.*



u persegui, um anno, José Gomes Monteiro, a pedir-lhe o retrato para a tua «Revista». Á primeira sollicitação respondeu com uma formal negativa; ás instancias incessantes de viva voz e por cartas, respondeu com esperanças: Eu já as tinha perdidas, quando tu appareceste no Porto, graças ao vapor, e á tua gloria dramatica. Indagaste a residencia de José Gomes Monteiro, e foste deixar-lhe um bilhete e um compromisso. No dia seguinte, apresentei-te ao nosso esquivo litterato, que tu andavas já requestando. Occasionou-se a opportunidade. Intalamol-o com os mais affectuosos requebros. Gomes

Monteiro ractificou as suas promessas, com o amavel sorriso de um estadista, que promette dois despachos a dois influentes electoraes. Eu, não obstante, ia jurar que as tuas instancias seriam tão malogradas como as minhas, quando José Gomes Monteiro, no proposito de se desapertar de nós, te deu um retrato.

Temos já meia victoria: faltam-nos os apontamentos para a biographia. Quem me ha de contar o que eu não sei da vida de

Gomes Monteiro? Se lh'o pergunto a elle, dá-me um sorriso, e encolhe os hombros, como quem diz: «Eu não sei sinceramente o que vossé quer saber de mim! Eu estudei, trabalhei, e vivi obscuramente.»— Mas as phases da sua vida intellectual?— replicaria eu. O douto investigador responderia, como de feito, e substancialmente, me ha respondido: «O que havia de imprimir relevo na minha vida intellectual não quizeram as minhas doencas que eu podesse tiral-o a limpo. A biographia de um homem de letras não póde coordenar-se com elementos que não se expozeram ao juiso publico.»

Esta resposta grave e sentenciosa não dá razão a José Gomes Monteiro, nem me demove a mim de lhe entrar na intimidade de sua vida estudiosa por portas travessas. Theophilo Braga, o brilhante poeta da «Visão dos Tempos» está muito ligado de coração com José Gomes Monteiro. Conversam largas horas; o erudito que está ao par de todas as litteraturas, aconselha, encaminha, censura, ou applaude as donosas e arrojadas concepções do moço. Theophilo Braga é quem nos ha de apontar arditosamente a biographia do seu amigo.

Acceita o encargo; escreve bellas paginas de apreciação litteraria; mas, no ponto essencial da sua commissão, diz: «Meu amigo, eis o que sei de José Gomes Monteiro: elle não me ha dito mais do que haver-me mostrado em tempo os seus trabalhos ineditos, e dar-me a honra de ouvir alguns excerptos. Mostrei-lhe este juiso para ver se me dizia alguma cousa mais: era um modo de pedir apontamentos um tanto mais pudico do que o usual. Só me mandou riscar algumas verdades que feriam a sua modestia...»

Quer dizer que não obtive os apontamentos. Alegra-me isto; é consolador para a minha vaidade de syndico das vidas alheias que Theophilo Braga se achasse logrado, apesar da sua artimanha fóra de uso, como elle diz; e alegra-me tambem, por que o affectuoso e estremado poeta, nas notas que me deu, intercalou relanços de analyse geral ás litteraturas contemporaneas, com os quaes tu aformosearás algumas paginas da tua «Revista».

Resta-nos para dar fóрма a um estudo biographico do eminente escriptor os seus trabalhos conhecidos, e d'estes hauriremos inducções para o que ainda não foi estampado.

Nasceu José Gomes Monteiro, no Porto, em 1807. Aos dezeses annos foi cursar na Universidade de Coimbra as faculdades de leis e canones. Com o quarto anno de formatura, deixou os estudos e a patria. Não foram certamente os antevistos terrores da perseguição partidaria que lhe anteciparam a expatriação.

É, todavia, certo que o academico, alguns mezes depois, seria dos primeiros a emigrarem, por que o seu espirito estava decidido pelas idéas que afervoravam o animo da mocidade. Gomes Monteiro, em quanto a mim, sahio de Coimbra, cheio de tedio, tedio dos canones, tedio dos bancos escolares, tedio dos doutrinarios em capello e borla, tedio das congostas lamacentas, tedio da cabra, tedio de tudo aquillo, que se acha hoje consubstanciado nos Adriões, e Neivas, e Bernardos.

Gomes Monteiro viajou: sobravam-lhe bens de fortuna á mediania de suas ambições; queria enriquecer-se espiritualmente; abeirou-se aos mananciaes d'onde lhe affluia copiosa a sciencia nova, que era ainda heretica na Universidade portugueza. Estanceou dois annos em Inglaterra, e fixou a sua residencia em Hamburgo, associado commercialmente em negocio de grande porte, e de futuros revezes que lhe absorveram o seu valioso patrimonio, tão depressa e inesperadamente que José Gomes Monteiro apenas teve tempo de comprehender que a transição de uma vida abastada para a pobreza relativa é coisa de si tão facil que não merece a pena de historiar-se.

Conheceu no estrangeiro Almeida Garrett, e ligou-se-lhe com a sympathica effusão de dois grandes espiritos, ambos saudosos da patria, e ambos aporfiados em lustral-a como lapidarios de seus brilhantes. O cantor de Camões emparelhava na intensidade de zelo com o restaurador de Gil Vicente. Garrett colhia as flores abertas, e aspirava-lhes o perfume; Gomes Monteiro preparava o terreno para novas flores. Um escutava a inspiração; e outro tenteava a sonda da critica.

Emprehendeu o nosso estudioso mancebo escrever uma historia litteraria de Portugal: audacioso alvitre em paizes estranhos, minguidos de livros portuguezes, ao passo que o plano da obra lhe traçava largos limites, onde se haviam de encadear as sciencias philosophicas com a theologia, a jurisprudencia com a litteratura, o progresso timido de uma phase com o espantoso retrocesso de outra. Não era isto um trabalho de alphabeto como elle se nos depara nos bosquejos ambiciosos de historia litteraria, modelada pela de Costa e Silva. Seria uma historia litteraria de Portugal, como a não temos, nem a promettem os contemporaneos de quem a patria espera muitas flores e alguns fructos sorvados.

Cumpria ao primoroso collecter dos *subsídios*, nome modesto com que apequenava o seu grande lavor, despir os feios ornatos com que andavam desfigurados os principaes cultivadores e mestres da nossa lingua, e revestil-os com as louçanias proprias

e nativa singelesa que lhes era a sua mais formosa feição. Estreou-se José Gomes Monteiro, de collaboração com José Victorino Barreto Feio, na celebrada edição de Gil Vicente. Pertence a Gomes Monteiro a introdução, escripta com admiravel minudencia, e noticiosa de hypotheses tão engenhosamente firmadas sobre probabilidades, que força nos é admittil-as como traços veracissimos da vida conjectural do Plauto portuguez. Os illustrados editores da *Bibliotheca portugueza*, reproduzindo Gil Vicente, dizem no prefacio de sua edição com referencia á de Hamburgo: «... Finalmente illustraram a edição com um interessante *Ensaio sobre a vida e escriptos de Gil Vicente*, e com uma *Taboa glossaria*, mostrando a significação conjectural de alguns termos antiquados e rusticos portuguezes e castelhanos que se não encontram nos melhores dictionarios das duas linguas.»

E terminam: «convencidos de que a respeito da vida e obras do novo poeta não poderiamos dizer mais nem melhor do que os illustres editores da 3.<sup>a</sup> edição, resolvemos extrahir d'ella o já citado *Ensaio*....» A edição dos *Lusiadas* é um trabalho do mesmo cunho, para o qual José Gomes Monteiro subsidiou com as suas pacientes investigações, tendentes a restaurar os viciamentos e mutilações do texto. Só os engenhos fadados para estas canceiras de pouco luzimento, em ordem á muita fadiga que custam, com justeza lhe avaliam as difficuldades, os desalentos e as aborridas horas em que o mais robusto animo, desajudado no estrangeiro de cooperação de livros, que nem sequer possuímos na patria, se deve sentir descorçoado para emprezas d'estas, sem gloria nem lucro correspondentes.

Entranhou-se em José Gomes Monteiro ardente affecto a Luiz de Camões, pelo muito que lidou com elle, e das muitas amarguras que lhe adivinhou pela dupla intuição da intelligencia e do coração. D'esse affecto, muito de alma cheia de amor patrio, nasceu aquella mimosa e doutissima carta ao fallecido Thomaz Northon, outro entusiasta illustrado de Camões, sobre a situação da Ilha de Venus. Accudio o eminente escriptor pela veracidade com que o seu dilecto poeta cantava não uma phantastica ilha dos Amores, mas sim a formosa Zanzibar, á luz inspiradora do canto da *Odyssea* em que Ulysses é acolhido aos olorosos jardins de Antinóo.

O livrinho que versa n'este assumpto magnificamente tem bellas paginas, e irrespondiveis deducções. Vé-se que é um trabalho de amor pelas pompas da linguagem, e de consciencia pelo rigor da demonstração.

Verteu do allemão o sr. José Gomes Monteiro uma collecção de poesias que denominou *Eccos da lyra Teutonica*. Sabes tu, meu amigo, que estou desauthorizado para aquilatar versões do allemão. Entrelembro-me de não me ter sido grandemente delectiosa a leitura d'estas poesias, quando saíram do prelo, ha bastantes annos. Recordo-me que a metrificacão se desviava da irreprehensivel melopeia em que os poetas moços nos traziam encantados os ouvidos. Póde ser que, se hoje as relésse, me soasse harmoniosamente á rasão o que n'aquelle tempo me destoava. Seja como for, devemos, conhecida a indole austera do traductor, jurar na fidelidade da copia. Emquanto á harmonia, crês tu que os allemães possam ter harmonia? Uns homens que fallam com espinhas de dois saveis atravessadas nos gorgomilos poderão rhymar melodicamente? Eu creio que a Allemanha faz muita somma de philosophia bronca por não poder fazer versos suaves.

Até aqui os escriptos publicados de Gomes Monteiro, afora artigos litterarios e archeologicos, em diversos jornaes, fragmentos soltos de lucubrações attinentes a profundar alguma materia pouco alumiada da critica. O espirito laborioso e tenaz do douto investigador como que se amesquinha no tracto de assumptos faceis. A sua pujança e energia redobra de vigor quando se lhe faz mister quebrar os sellos do mysterio, sotoposto ás camadas dos seculos que a mais e mais o obscureceram.

Direi agora dos livros escriptos, e reservados para verem a luz, quando José Gomes Monteiro poder conciliar o trabalho com as quebras intermittentes da sua melindrosa saude.

O romance de cavallaria, attribuido a Vasco de Lobeira, com o titulo *Amadiz de Gaula*, foi longo tempo o afan, tão saboroso quanto fatigante, de Gomes Monteiro. Dois importantes factos extrahio o indagador das suas detençosas confrontações: um, é mostrar que historias verdadeiras symbolisa a ficção do Amadiz de Gaula; a outra, é provar exuberantemente que Vasco de Lobeira não escreveu tal livro. Conjecturemos que prodigios de paciencia custaria isto! Avaliemos-o nós, ou, mais precisamente, seja eu o avaliador de semelhantes pesquisas, eu que me sinto morrer de consumpção nervosa, quando tenho de confrontar um facto relatado por dois auctores diversamente! Theophilo Braga ouviu ler alguns lanços d'este manuscripto. Verás e trasladarás o conceito que elles lhe merecem.

Na pasta de Gomes Monteiro está já para entrar no prelo uma edição da *Menina e Moça*. Lá veremos a perspicacia com que se salvam da obscuridade os poucos traços veridicos da vida de

Bernardim Ribeiro. A edição será depurada de coisas que correm á conta do poeta, e lhe não pertencem. Verás que Bernardim Ribeiro nunca foi commendador da ordem de Christo, nem governador de S. Jorge da Mina. Verás, emfim, a sem rasão com que Almeida Garrett, dando como certo não ter o choroso poeta morrido de paixão, exclama: «Aprende aqui, ó Beatrizes d'este mundo!»

Tem ainda Gomes Monteiro em curso de publicação um estudo ácerca de Sá de Miranda, como prefacio á restauração do texto. Esperei ver impresso este livro, quando o notavel escriptor, desconfiado de sua actividade para a ultima demão no manuscrito, convidou uma intelligencia esclarecida a coadjuval-o na tarefa das confrontações. Chegou a annunciar-se a proxima publicação; porém, has de notar que José Gomes Monteiro, sem negarmos o devido desconto á sua debil saude, deixou-se vencer de um languor inerte, que simelha muito a preguiçosa indifferença dos provados talentos.

Das notas de Theophilo Braga extrahirás o que diz respeito a outros mais escriptos delineados do distincto litterato.

Sabes tu o que eu queria roubar á gaveta de José Gomes Monteiro? As cartas de Almeida Garrett, as confidencias d'aquelle immenso genio, que se expandiam na alma e intelligencia de José Gomes Monteiro. Estas seriam as paginas de ouro da biographia de ambos. Uma sei eu que existe em que Almeida Garrett, em perigo de vida, ou previsão de morte proxima, encarrega o seu amigo de defender-lhe a honra e a fama, assim que a pedra sepulchral lhe vedar o direito da defeza. Que sublime legado! que legitima e jubilosa vaidade para o coração honrado e generoso de José Gomes Monteiro!

Adeus, meu amigo. Cá me chega ao *Bom Jesus do Monte* o rumor das ovações que te fazem no Porto. Sé feliz pelo trabalho, que te dá as poucas e duradouras alegrias d'este mundo.

Teu amigo

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

O senhor José Gomes Monteiro abandonou o curso juridico da Universidade e sahio de Portugal em 1828, poucos mezes antes da emigração. As suas viagens pela Inglaterra e Allemanha decidiram-lhe a vocação litteraria; sahindo do seio da Academia, onde apenas se liam, já extemporaneamente os livros dos

Encyclopedistas e as obras mais salientes da litteratura franceza do seculo XVIII, deixando um paiz, onde o renascimento não tinha apparecido ainda, que estava por assim dizer, em plena idade media, apesar dos esforços improductivos das *academias*, a familiaridade com as duas linguas com que a solidão e distancia dos seus o iniciavam, abriram-lhe um horisonte immenso.

Foi então que lhe appareceu Garrett, e que foi comprehendida a expressão do chefe da renascença em Portugal—que na nossa litteratura havia tudo para crear.—Garrett revelou-o na variedade dos generos que ensaiou, Gomes Monteiro na assiduidade incansavel que sagrou desde então ao estudo da critica litteraria. Eram duas vocações oppostas e que se completavam; um era essencialmente synthetico, creador, o outro de um character profundamente analytico. As litteraturas da idade media começaram a merecer attenção, ia-se-lhe levantando o stigma imposto pela orthodoxia classica. A idade media tanto na Religião, como no Estado, como na Arte, factos que mais revelam o character de um cyclo qualquer da humanidade, fôra de uma *individualidade* inaudita.

Era um dos termos da fórmula da civilização apresentada por Guizot: o desenvolvimento do individuo n'este periodo absorve o desenvolvimento social. A Religião era um pantheismo esplendido, uma sanctificação da natureza, uma como reminiscencia mesma do paganismo; o Estado desdobrava-se em myriades de suzeranias feudaes, a Arte não conhecia typo sobre que se moldasse, foi obra de si mesmo, tomou uma feição propria. Por isso Voltaire ria-se da sublimidade de Dante.

José Gomes Monteiro assistio á rehabilitação das litteraturas da idade media, quiz estudar tambem a nossa. N'uma terra extranha, sem o recurso de livros nacionaes, e com uma vontade immensa, que fazer? Trabalhou sobre os poucos que pôde obter, e assim foi tomando corpo a idéa de uma *historia litteraria de Portugal*, onde a philosophia, a theologia, a medicina, a jurisprudencia, a litteratura apresentariam as phases do progresso ou da decadencia nas suas evoluções complexissimas. Os classicos estavam deturpados, vivia-se da tradição litteraria, ouvia-se dizer, acreditava-se mesmo, mas não appareciam os monumentos. O seu primeiro esforço dedicou-o á restituição d'esses classicos, mutilados, as mais das vezes, pela *censura*, e *licenças necessarias*, e pela estupidez dos editores. As comedias e autos de Gil Vicente, o poeta da córte de D. Manuel, e D. João III, o perseguido Plauto portuguez, leu-as n'este estado.

A este tempo achava-se em Hamburgo com José Victorino Barreto Feio, traductor de Tito-Livio e Sallustio; emprehenderam ambos restituir esses labores mutilados pelos iconoclastas da arte. A verdade com que Gil Vicente descrevêra o *viver e crêr* do seculo xvi, o estado de desfallecimento da sociedade portugueza, as maquinações monasticas para dominarem o animo do rei por escrupulos fanaticos e firmarem a autotheocracia, os ápodos acerados e incisivos com que descobria esses ardis, a redondilha salgada e prompta com que desenhava os nossos costumes intimos, e no fundo um certo terror que resumbrava nas cousas mais risiveis do poeta, temendo que a sociedade portugueza fosse absorvida pelo poder clerical, mesmo uma melancholia indizivel, innata no genio, despertaram um vivo interesse pelo mal apreciado dramaturgo. Felizmente na livraria da Universidade de Gottingen encontrou a primeira edição dos Autos, de 1562, que escapára á brutalidade palimpsestica dos tonsurados; restaurou o texto do poeta, ressuscitou-o. O trabalho d'este livro pertence-lhe todo; a profundidade de sua critica avalia-se pela introdução com que precedeu a obra. Quando a escreveu era bastante creança, e é talvez por esta circumstancia, que o auctor hoje não lhe quer dar o alcance, que esse estudo na realidade tem. Desde que proferio este *surge et ambula*, a Allemanha, a Inglaterra, a França, estudaram para de logo o poeta. Tempo depois Garrett escrevia a Gomes Monteiro dando-lhe parte de um drama *Um Auto de Gil Vicente*, com o qual havia, por uma notavel coincidencia, dar vida ao theatro portuguez, apresentando-lhe o vulto do seu creador; n'essa carta dizia-lhe que não sabia a parte que tinha no que acabava de escrever, nem a quem pertencia a paternidade. A renascença em Portugal deve-se a tres homens, Garrett, Alexandre Herculano, e José Gomes Monteiro. A falta de ambições, a despreoccupação de si, uma abnegação quasi indesculpavel, fizeram com que o restaurador de Gil Vicente não atirasse á luz a sequencia das suas explorações; não veio tomar a parte que lhe competia na aureola de gloria que cinge os nossos dois maiores vultos litterarios.

Este descuido fez com que o desmerecessem, não quizeram acreditar na boa fé dos seus thezouros. Firme no seu plano, José Gomes Monteiro continuou a preparar os subsidios para a *historia litteraria de Portugal*; era essencial um trabalho sobre a formação da lingua, fundou-o sobre os monumentos primitivos de poesia, sobre as cartas dos foraes, sobre as locuções da litteratura culta, coadjuvado pelas descobertas recentes, e pela

direcção scientifica que n'esse tempo começára a tomar a linguistica.

No estudo sobre os primeiros monumentos de poesia procurou restituir o periodo dos trovadores, caracterisar os nossos cancioneiros; arrojado ás vezes nas hypotheses que avança, sabe d'ellas tirar uma luz, que obriga a acceitar todas as suas consequencias.

É propriamente n'este logar que devemos citar as investigações immensas e de uma erudição tenaz, allemã, que fez sobre o *Amadiz de Gaula*. Este romance de cavalleria vivia na tradição litteraria; nunca ninguem o vira, dizia-se que era portuguez, como por mau sestro de um preconceito nacional, nos arrogamos sempre a prioridade das grandes descobertas. Dizia-se que era portuguez, e no pouco que até então se tinha escripto sobre o romance passava como incontrovertida a feliz illusão.

Em uns artigos de Alexandre Herculano sobre as *Novellas Portuguezas de Cavalleria*, ha a mesma idéa convertida em logar commum.

O processo de critica, que José Gomes Monteiro empregou para interpretar este livro attribuido a Vasco de Lobeira é, sobre original, brilhante. O modo de escrever a historia na edade media é todo dramatico, é assim em Froissart, em Matheus de Paris; a historia era official, pragmatica, não se podiam narrar todos os factos em si, omittiam-se. Feitos criminosos dos reis, escandalos das côrtes era preciso dizerem-se; como, sem comprometter a existencia? Pela *allusão*. A allusão é o centro de evolução na quasi totalidade dos romances de Cavalleria; no *Amadiz* a difficuldade estava em determinar a que época se referiam, a que factos se alludia. Era força compulsar todos os Chronicons da edade media, tanto portuguezes como estrangeiros. Gomes Monteiro affrontou o impossivel, venceu. O *Amadiz de Gaula* é a historia allusiva do periodo dos Plautagenetas; Thomaz de Cantorbery, Saladino, Ricardo Coração de Leão apparecem personificados ahi. Descoberto o fio de Ariadne n'este labyrintho intrincavel, o trabalho reduzia-se á confrontação da historia com a allusão, á metamorphose da realidade no ideal, como se encobria, como se desfigurava; o *Amadiz* apresentou uma face nova para ser apreciado: o processo artistico de sua formação, a successão logica dos factos correspondendo á unidade da acção no romance. Assim determina-se a época em que foi escripto, é do seculo XIII; as luctas de Sancho II e do clero que tanto avultam na nossa historia, não tem ahi a mi-

nima allusão. Não é de lavra portugueza, é a conclusão legitima e infallivel; o linguista leva-a adiante, a ponto de determinar quasi a nacionalidade do livro.

Eis um trabalho immenso para grossos volumes, e que o seu author tendo ido muito além das modernissimas descobertas da Allemanha sobre a litteratura cavalheiresca, devia intitular — Historia geral dos romances de cavalleria. Esta obra está fragmentada, como todos os processos analyticos, falta synthetisa-la, dar-lhe a unidade da generalisação.

Este estudo consciencioso lembra-nos o processo admiravel que na França empregou Alfred Maury para determinar o seculo em que foi escripto o Evangelho Apocrypho de Nicodemus; as metaphoras frequentes dos oradores sagrados do seculo iv apparecem depois convertidas no facto legendar. Na obra de José Gomes Monteiro os paradigmas frequentes da realidade da historia com o ideal do romance, mostram a verdade de seus principios de um modo incontestavel. Este livro não está impresso, por que o seu author escreveu-o como preparatorio para a sua *Historia Litteraria de Portugal*, como uma cousa accidental, preliminar. Uma obra promettida e prompta, e que o publico aneeia é a nova edição da *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro; apparece ali a mesma lucidez, que soube restaurar o velho Plauto portuguez; a *Menina e Moça* tem-lhe sido um estudo de predilecção, uma distracção agradável,—uma educação litteraria no remanso e santidade da familia. A appareção d'este livro é um desengano triste para bibliophilos e eruditos; vem mostrar que a maior parte do livro das Saudades é apocrypho. Os argumentos em que a sua critica se funda são irretorquiveis: o estylo, a condução da acção, as allegorias, vem de mais para o provar; uma edição de Ferrara acabou de convencel-o do que a principio fóra uma hypothese, é um facto incontestavel. Além d'isso este trabalho traz novas descobertas, filhas de uma indução logica, fundada nos escriptos de Bernardim, ácerca da biographia do poeta de que tão pouco se sabe.

Este volume está a entrar no prélo, é um monumento para a critica litteraria; acompanham-n'o as poesias do celebre poeta Christovão Falcão, mais conhecido pelo nome de *Chrysfal*.

Um outro livro prompto para o publico, se o auctor se deixasse rejuvenescer pelo amor da gloria, era um estudo sobre Sá de Miranda, e a restituicção do texto da sua obra. Este quinhestista, um dos mais importantes dos nossos poetas pela philosophia sã, pelo sabor didactico, e mesmo pela finura da cri-

tica com que verbera os defeitos do seu tempo, não tem sido comprehendido. Sá de Miranda vive tambem na tradição litteraria. Certos factos inexplicaveis da sua vida, o retiro da corte, especie de ostracismo voluntario, passam para a maior parte desaperecebidos. José Gomes Monteiro sabe tirar uma luz immensa da lição de um poeta sobre a sua vida, sobre o seu tempo. É o que ultimamente tem feito sobre a *Diana* de Jorge de Montemayor.

Vimos bastantes materiaes para a historia da chamada *Philosophia Conimbricense*, cuja existencia não foi sonhada por Tennann, Tiedman e Cousin, mas que é abertamente clara nos profundos commentarios aos livros de Aristoteles, saídos do collegio das Artes no seculo xvi. Quando a philosophia escolastica, com a Reforma, lançava o ultimo arranco pelas Universidades da Europa, engasgada com o seu ergotismo, enforcada nos bicos de seus dilemmas, lançava ella o brilhantismo de seu esplendor em Coimbra. Era o clarão da luz que se extingue. O partido clerical era forte entre nós; a Reforma não chegou cá, e a instrucção estava enlutada com um character sacerdotal; era preciso dar-lhe uma certa immobibilidade, para não transigir com as idéas novas, era força repellil-as. Os espiritos refluiram com todo o vigor e energia sobre os livros do Stagirita, accumularam-se para ali as forças, cuja resultante está annullada hoje nos manuscriptos volumosos expostos aos estragos da humidade e da traça nos gavetões e armarios das bibliothecas. Este livro tão importante para a historia do ensino não está completo, falta-lhe tambem a unidade, ainda não está legivel.

Além d'outros escriptos de menor vulto, passageiros, sobre investigações de pontos contravertidos em litteratura e historia, discripções de manuscriptos antiquissimos como a *Corte imperial*, e a *Arte de Monteria* de D. João I, José Gomes Monteiro depois do estudo e edição de Gil Vicente tem apenas publicado uma edição de Camões, ainda hoje muito superior em lição á do visconde de Jeromenha, uma carta sobre a realidade da ficção poetica da *Ilha dos Amores* assás conhecida do publico para avalial-a e uma colleção de versões e paraphrases das melhores paesias lyricas da Allemanha. O merito dos *Eccos da Lyra Teutonica* é menos palpavel; a primeira qualidade de uma boa versão é a verdade; ignora-se entre nós o allemão, por isso não póde ser apreciada por muitos. Quanto á parte accessivel á maioria, a execução poetica, o que não é perfeito no original não se salva pela versão, antes muitas vezes ella subsiste pela idéa que se procura verter. Para fazer valer este livro basta-

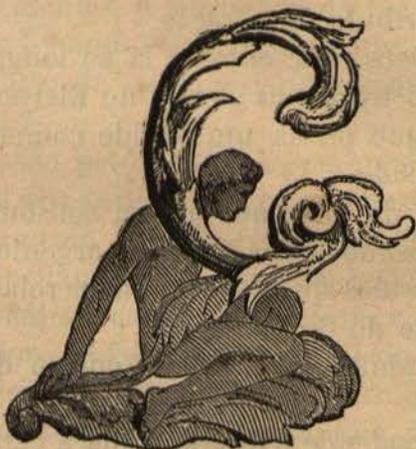
lhe a ode sublime de Schiller o *Sino*; aqui o poeta esmera-se para nos fazer sentir as maravilhas da arte, teve a consciencia do seu esforço, apresenta ao lado o original para que se confronte. Quando appareceu este livro formava-se a nossa poesia lyrica; a redondilha sendo toda popular e, por assim dizer, comica absorvéra a metrificação; hoje a redondilha está decahida, é a rasão por que o livro não satisfará plenamente aos pechosos. Para mim a intenção salva. Era preciso apresentar ao lyrismo nascente os bons modélos das litteraturas da Europa; infelizmente não os leram, e fecharam os olhos, esquecidos a rimar solãos ou a cantar nenias em que esgotavam o calix da descrença até ás fezes, etc.

THEOPHILO BRAGA.

## A IGREJA PROFANADA

(LENDA)

I



orre socegada a noite, mas não brilha a lua no céu a espargir tristezas, escondendo um devaneio, um sonho de poeta em cada uma das préguas da sua candida tunica; scintillam apenas as estrellas no véu escuro do firmamento.

Formosas são as noites estreladas, mas não têm a suave melancolia das noites de luar; enleva-se-nos o espirito ao contemplar essas myriadas d'orbes luminosos; porém os raios da

lua têm uma linguagem mysteriosa que nos falla ao coração.

Quando no véu nocturno brilham em rivaes as estrellas, como que percebemos a magestosa melodia das esferas; mas, quando a lua illumina a terra com a sua doce luz, ouvimos então no espaço vagos canticos de saudade, suspiros de virgem enamorada, canto de pescador que se perde ao longe nas ondas, toada de pegureiro, que vem desfallecida expirar no nosso ouvido, intimas melodias, que nos dizem: «amor e tristeza».

Porque as estrellas são desdenhosas rainhas d'outros céus,

sões de outros mundos, que nos enviam, como que por descuido, um signal de sua grandeza, um tenue raio da sua immensa luz, enquanto a lua é a estremosa amante, que prendeu á nossa a sua existencia, a companheira que nos segue incessantemente n'essa viagem sem fim, que empreendemos pelo espaço.

As estrellas tornam mais profunda a solidão, e mais espessas as trévas. Os bosques, os valles, as montanhas conservam-se involtos n'um véu sombrio, por mais que os raios dos sóes da noite se esforcem por penetrar na escuridade; as ondas baloicam com indifferença os seus reflexos, e não fazem caso das palhetas doiradas que avivam aqui e ali a candidez da sua fimbria espumosa.

Mas, quando surge a lua, a natureza anima-se. Desperta a vi-  
ração nos antros perfumados das florestas, que exalam vivis-  
simos aromas. As fadas vem pentear as suas loiras tranças no  
espelho das fontes, cuja cristallina superficie palpita de prazer.  
Jorram torrentes de prata pela falda dos montes, scintillam dia-  
mantes na folhagem das arvores. Erguem-se as ondas em vago  
enleio de voluptuosidade, como seio de virgem que arfa pela  
vez primeira. Rescende o meigo perfume no thuribulo da vio-  
leta. Rescende a saudade no thuribulo do coração.

As estrellas são os anjos de Deus, que entoam lá ao longe,  
nas profundidades do Empyreo, o hymno ás glorias do Eterno;  
a lua é o archanjo consolador que presta um ouvido compa-  
decido aos lamentos da humanidade.

As estrellas são os candelabros de oiro, que ardem constan-  
tamente diante do throno do Altissimo; a lua é a urna argentea  
onde se transformam as lagrimas dos que soffrem em pérolas,  
que os anjos entornam no regaço do Omnipotente.

As estrellas são o enlevo do philosopho, a lua é enlevo de  
poetas.

Porque as estrellas revelam o poder de Jehovah, a lua a cari-  
dade do Redemptor.

Mas vai a noite socegada, e a luz dos fachos da abobada ce-  
leste scintilla frouxamente na face adormecida do mar. As va-  
gas erguem-se vagarosamente, enroscam-se a pouco e pouco,  
caminham em longa fileira para as praias, e alastram no areial  
o seu manto escuro.

Negra, bem negra está a superficie do Oceano; os raios das  
estrellas, naufragos luminosos, debatem-se com as ondas, que  
mal conseguem doirar. Do seio d'essas trévas sãe um gemido  
cavernoso. É a voz eterna do liquido leão, é o rugir tranquillo  
mas terrivel do monarcha da immensidade.

Não páram as vibrações nas espumosas cordas da harpa dos abysmos; ora plangente ora formidavel o cantico incessante resôa no espaço.

E que diversidade de vozes não ha n'esse concerto immenso! o magestoso rugido das ondas ao assoberbarem-se lá no mar alto, o grito que resulta do embate de dois d'esses colossos que se encontram, o uivo de raiva que soltam quando espadanam nos rochedos da praia, o suspiro amoroso que desprendem ao beijarem o areial, o murmurio palreiro das gotinhas de agua ao despedirem-se a custo das conchas das ribas, o lamento que exhalam ao açoidal-as o vendaval tudo isto se resume em um hymno sublime, intraduzivel, como os poetas os sonham, mas não escrevem.

Ó mar! A opulenta imaginação da antiguidade grega, povoou de sereias as tuas ondas, poisou no cimo d'estas o velho Glaucus, com as suas barbas limosas, com a sua voz aterradora, poisou no teu leito de espuma ora a rosea concha Acidalia em cujo seio se abrigava a candida Aphrodite, ora a seductora Lamia, ora as horriveis Gréas, e nem assim conseguiu traduzir o indizivel incanto com que nos attraes, e o vago terror que nos incutes, a suavidade da tua voz, e a selvagem energia dos teus hymnos! Ó mar immenso, que lyra infeitiçada te deu o Senhor, de que mysteriosa seducção impregnou as tuas solidões?

Assim perdido nas trévas como é magestoso o Oceano! Nem uma véla se distingue na immensidade solitaria! Ainda, n'aquelle isolamento, não descontinúa o fadario das ondas! Vão, vem, atropellam-se, espraiam-se, beijam-se, desmaiam, ágitam-se, revolvem-se, cantam, suspiram, e, lá ao longe talvez, algum scismador, encostado ao peitoril da sua janella, ao ouvir aquelle ruido ineffavel, pensa na eternidade, e em Deus!

Comtudo bem junto da praia, a pouca distancia de uma casa cuja fachada branca mira silenciosa a eterna agitação do Oceano, que envia ás vezes, de enamorado, uma das suas ondas a beijar-lhe os pés, baloiça-se indolentemente uma barca, onde dorme um pescador, cujo somno é acalentado por esse murmurio suave.

As ondas embalam tão docemente o bote, como carinhosa mãe póde embalar o berço do recém-nascido.

A uma das janellas que se rasgam na fachada branca da casa da praia encosta-se um vulto de mulher. Em baixo está um outro vulto varonil e elegante. Ouve-se, por entre o concerto das vagas, o mysterioso segredar de duas vozes.

Leandro e Hero, Rosina e Almaviva, Julieta e Romeu!

O bramir do mar abafa o manso ruído das vozes. Mas o ruído do Oceano, e o flebir sussurrar dos namorados chegam, em murmúrio igual, ao throno do Omnipotente; porque são duas notas do hymno immenso do Universo, que se resume n'uma palavra «Amor».

## II

Tudo n'este mundo acaba, inclusivamente as doces palestras enamoradas. Mais infeliz do que a desditosa heroína de Shakespeare, a donzella da casa da praia não pôde esperar que o grito matinal da cotovia saudasse o alvorecer. Ainda a noite não chegára ao meio do seu giro, e já era forçosa a separação.

Trocaram-se suaves promessas, mil vezes se affastou o nosso Romeu da fachada branca, mil vezes voltou a ella, como se as ondas, que lhe vinham quasi banhar os pés, o arrastassem consigo nas incessantes ondulações do fluxo e do refluxo.

Afinal a palavra «Adeus» escoou-se, como um tímido murmúrio, pelos labios dos dois namorados; o elegante moço affastou-se rapidamente, e, dando um pulo bem calculado, foi cair em pé dentro do barco, que as ondas baloiçavam.

Ao choque inesperado acordou em sobresalto o barqueiro. Ergueu-se á pressa, e, depois de reconhecer seu amo, fitou os olhos com certa inquietação no céu estrellado, chronometro infallivel dos homens do mar.

— Ah! senhor, disse elle com a voz entrecortada, que tanto se demorou! É forçoso apressarmo-nos, e não sei ainda se chegaremos a tempo á praia.

— Que medo tens tu, homem? perguntou o que embarcára, sentando-se commodamente na pópa do bote. Está o mar de leite, e nem a mais ligeira brisa lhe agita as ondas, nem uma nuvem ameaçadora assoma no horisonte! As tempestades repousam, amigo!

— Não temo a procella, tornou o barqueiro abanando a cabeça; eu e o vendaval somos conhecidos velhos, e não me assusta a tormenta em noite escura, nem receio ser engulido pelas ondas! Assim como assim um homem ha de morrer uma vez, e mais vale adormecer livremente envolto n'esta mortalha de espuma, do que ser cozido n'um lençol branco, e mettido em uma cova, onde o nosso pobre corpo nem uma vez só se poderá regalar com o cheiro da marezia! Mas ainda que a temesse, não é n'uma noite d'estas que um velho marujo receia a tem-

pestade. V. s.<sup>a</sup> tem razão: o mar está de leite, e o barco ha de deslizar tão commodamente por sobre as suas aguas como uma carruagem por cima da poeira da estrada real.

— Então o que te assusta, meu velho?

— Está quasi a dar meia noite, senhor.

— Percebo! Receias que o fuso da tua companheira não corra tão ligeiramente nas suas mãos enrugadas, de farta que esteja de te esperar. Socega, homem! Irei eu mesmo acalmar as rabugices da Catharina, e prometter-lhe uma estriga de linho para os serões do inverno. Verás que a velhita ha de ficar tão contente, que nem pensará em ralhar comtigo por causa da desusada demora.

— Não esteja com cuidado na Catharina, senhor, que ella bem sabe que me não demoro por culpa minha. Oh! Se sabe. Antes de ser velha desdentada já foi moça e louçã, e ha de se lembrar de como nós esquecíamos as horas, que passavam, ella sentada á porta da choupana a concertar as redes de seu pai, eu assentado no areial a fallar-lhe fallas de namoro, que lhe punham o rosto mais vermelho do que uma rosa de Maio. Ainda não é isso, meu amo.

— Então o que é, finalmente? perguntou o seu interlocutor já um tanto enfadado.

— É que não resulta bem algum ás almas de dois christãos de estarem assim no mar por estes sitios ao bater da meia noite.

— Porque?

O barqueiro olhou com inquietação em torno de si, e depois murmurou em voz tão baixa, que mal se ouvia.

— É por causa da *igreja profanada!*

O esbelto moço olhou espantado para elle.

Durante a conversação, o pescador desamarrára o barco, e, lançando mão dos remos, déra-lhe um impulso vigoroso. Já estavam longe da praia, as ondas vinham bater no costado do bote com um murmurio queixoso, que acompanhava o som compassado do bater dos remos na agua.

O pescador tornou a fitar o céu com inquietação, e, sem responder a uma nova pergunta do seu passageiro, curvando-se para diante, metteu os remos nas ondas, e, entezando depois os musculos vigorosos, fez, erguendo-os de novo, espadanar uma cascata de espuma de cada lado do ligeiro bote.

Este, como o corsel generoso, que ao sentir enterrarem-se-lhe nos ilhaes as esporas do cavalleiro, se empina primeiro, depois, sacudindo as crinas, desata em vertiginoso galope, hesitou um instante, e, salvando de um pulo uma onda, que vinha orgu-

lhosa para elle, deslisou por sobre as aguas com incrível rapidez.

Ainda o passageiro não tivera tempo de repetir a pergunta, quando vibrou o espaço com as lentas pancadas da meia noite, que soava lá muito ao longe, no sino de uma igreja situada á beira-mar.

Produzia um effeito sinistro aquelle som distante. Cada uma das vibrações vinha, em intervallos iguaes, expirar no ouvido dos dois navegantes, e cazar-se melancolicamente ao rugir continuo das vagas.

O barqueiro deixou cair os remos, e bradou «Jesus meu Deus». O mesmo seu amo não se pôde eximir a um inexplicavel receio.

Ambos silenciosos, o barqueiro com os cabellos em pé, o nosso enamorado com vaga curiosidade, e um tal ou qual terror, contaram as lentas pancadas do bronze sagrado.

Parece que aquellas vibrações não eram produzidas pelo simples sino de uma igreja, mas que fôra o anjo das vinganças do Senhor quem fizera vibrar o bronze, e quem lhe déra aquella voz sobrenatural e pavorosa.

Contaram uma.... duas.... tres.... doze. A ultima vibração assemelhava-se a um gemido terno, ao uivo lamentoso do genio da meia noite, que, abrindo as suas negras azas, annunciasse aos phantasmas o começo do seu imperio.

O barqueiro, que se levantára, caiu de novo no meio do barco e escondeu o rosto entre as mãos, seu amo soltou uma exclamação de espanto.

Um clarão avermelhado tingira subitamente as ondas, como se um incendio começasse a lavrar no fundo do Oceano. As vagas soltaram um gemido plangente, como crianças açoitadas.

E um concerto horrivel, formado por muitas vozes, erguéra-se do fundo dos mares; e essas vozes cantavam os psalmos da penitencia.

Mas as palavras, cheias de unção, e impregnadas de tristeza das sublimes poesias do rei propheta, tomavam uma accentuação ironica, como se passassem pelos labios queimados dos anjos malditos.

No meio d'essas vozes roucas fez-se ouvir de repente uma voz suave e argentina de mulher, doce como o gemer da brisa nas solidões do Oceano, feiticeira como a voz das seductoras sereias.

Mas aquella mesma doçura tinha um não sei qué de medonho, e n'essas melodias celestiaes reverberava-se o fogo do inferno.

No meio das notas mais ternas, vibrava subitamente uma outra aspera e dissonante, que produzia o effeito que produziria no meio das harmonias da harpa o som do estalar de uma corda.

E essa voz tinha ao mesmo tempo uma profunda tristeza, uma plangente intonação, uma pungente ironia e um não sei qué d'attrahente e seductor que fazia pensar na fatalidade.

Os olhos do moço passageiro encheram-se involuntariamente de lagrimas, e com os braços estendidos, perdido n'um vago extasi parecia querer voar nas azas da melodia para o antro sub-marinho, onde se aninhava a infeitiçada sereia.

E a voz cantava:

C'ò a vossa santa colera,  
raio que fere e brilha,  
ao impio que se humilha  
não fulmineis, Senhor!  
N'este meu seio embebe-se  
a vossa frecha ardente,  
e a mão omnipotente  
me opprime em seu furor.

Da vossa ira o halito  
seccou-me membro a membro,  
e ai! se então me lembro  
do meu longo peccar,  
de como olvidei, réprobo,  
santos dictames vossos,  
oh! sinto até meus ossos  
um frémito agitar!

O fardo immenso e horrido  
da minha iniquidade,  
á voz da Divindade,  
a frente me curvou.

Da minha carne as ulceras  
corrompe-as a lembrança  
da impia atroz folgança,  
que a Deus me arrebatou.

Era triste, profundamente triste a voz, que assim cantava nos abysmos do Osceano as primeiras palavras do primeiro psalmo da penitencia. Ia enfraquecendo pouco a pouco até desfallecer quasi de todo no ultimo verso, mas então a voz vibrava de novo com aspereza, e era quasi uma gargalhada infernal, de

desafio ao Eterno, o grito ironico com que voltava a cantar os seguintes versos:

C'o a vossa santa colera,  
raio que fere e brilha,  
ao impio que se humilha  
não fulmineis, Senhor!

N'este momento rasgaram-se as ondas, como se um novo Moysés lhes tocasse com a varinha magica. Entre-mostraram-se aos olhos do espantado moço as profundidades do mar. Foi isso rapido como um relampago, mas deu-lhe tempo sufficiente para vêr o interior de uma igreja gothica esplendidamente illuminada com uma immensa profusão de cirios. Uma longa fileira de guerreiros da idade média cercava os altares, mas no meio da nave campejava, coisa estranha! a mesa de uma orgia, e as taças de oiro, cheias de vinho espumoso, ostentavam-se em cima da toalha. Uma mulher formosa como os anjos, mas tendo na fronte pallida não sei que inexprimivel sêllo da maldição divina, ergueu-se, como se fosse sustentada por azas invisiveis até á superficie dos mares. Cerrou-se de novo o abysmo, e as ondas purpureadas pelo reflexo dos cirios estenderam por cima d'essa mysteriosa igreja o seu liquido docel.

E o vulto feminino, com as vestes alvejantes ondeando por cima das vagas, e roçando a fimbria na orla da espuma, que o clarão vermelho fazia espuma de sangue, com a corôa da orgia ainda na fronte, encaminhou-se lentamente para o sitio onde o barco parára, porque o pescador ainda não ousára nem sequer levantar-se.

O phantasma deslisava por cima das ondas, como se invisivel mão o impellisse; já estava proximo do bote, e os seus olhos negros, onde scintillava uma chamma infernal, exerciam uma incrível fascinação no nosso heroe. Afinal parou, e os seus braços estenderam-se vagarosamente para elle, a fronte pallida tombou-lhe para o hombro, como lyrio pendido pelo tufão. Ignota languidez suavizou-lhe o fogo do olhar. As franças negras desprenderam-se-lhe e fluctuaram-lhe nas espaduas. Os labios descerraram-se, e a sua voz doce e melodiosa suspirou, como um triste queixume, os versos:

N'este meu seio embebe-se  
a vossa frecha ardente,  
e a mão omnipotente  
me opprime em seu furor.

Cégo, louco, fascinado o juvenil passageiro do bote nem forças teve para resistir á seducção. Inclinou meio corpo para fóra do barco, estendeu as mãos, e ia precipitar-se nas ondas.

—Jesus, bradou o barqueiro.

O phantasma soltou um bramido de desesperação, as ondas rasgaram-se de novo, e quando o moço abriu os olhos, que fechára de deslumbrado pela chamma que faiscára nas pupillas negras da gentil desconhecida, já o vulto feminino desaparecera.

Mas as ondas continuavam a conservar a sua côr escarlata, e o canto dos psalmos vibrava ainda na immensidade.

### III

O terror tirára as forças ao barqueiro, o terror lh'as deu de novo. Lançou mão dos remos, e o bote affastou-se rapidamente d'aquelle terrivel sitio.

—Sabes a historia do que estamos vendo? perguntou o companheiro do pescador, com voz ainda agitada.

—Oh! se sei, senhor, é uma historia terrivel. Mas não é n'este sitio nem a esta hora que eu a hei de contar.

—Conta, tornou o interrogador imperiosamente, já estamos longe do ponto fatal, e a voz dos réprobos vai-se perdendo no horisonte.

O barqueiro hesitou um instante, depois principiou em voz tão baixa que mal se percebia, e sem deixar de impellir vigorosamente o bote, a seguinte narração:

—Havia aqui d'antes, ha um bom par de annos, e junto d'aquelle castello, cujas ruinas ainda póde divisar penduradas como ninho de aguias em cima das fragas, uma igreja que fóra mandada construir por um devoto fidalgo d'aquelle solar, fidalgo que morreu em cheiro de santidade. A igreja era tida em conta de milagrosa, e ali concorriam immensos fleis attrahidos pela fama do templo, e pelas virtudes do capellão, homem de vida austera, affectuoso para com os humildes e nada servil com os grandes, a quem dizia as verdades por mais amargas que fossem, quando entendia que assim o exigiam os deveres do seu ministerio.

«Vivia então no castello um fidalgo devasso, filho do fundador da igreja, o qual se lhe herdára as riquezas não lhe herdára as virtudes, porque os thesouros da terra na terra ficam, mas os thesouros do céu esses voltam com o seu possuidor para o seio do Omnipotente..

«Tinha esse fidalgo uma irmã. Linda era ella. Gentil a mais não poder ser. Dizem que o rosto é o espelho de alma, e se assim fosse, ninguém possuía mais formosa indole nem mais candido espirito do que a irmã de Guilherme, e a filha do virtuoso Pelayo. Mas não era assim. A natureza esmerára-se tanto em lhe aprimorar a belleza physica, que se esquecêra de certo de cuidar com igual desvelo na formosura moral. É assim que dizem que Satanaz tem uma belleza seductora, e que seria um guapo archanjo, se o pé caprino não revelasse a quem se deixa fascinar pela etherea gentileza do anjo maldito, que está a contas com o pae da mentira. Infelizmente Ignez não tinha esse signal que a distinguisse dos anjos de que parecia irmã, e, se algum cauteloso enamorado, para tranquillidade de consciencia, lançasse uma vista de olhos para o pésinho encantador da formosa filha de Pelayo não fazia mais do que completar a fascinação, e, em vez da agua benta, com que tencionava aspergil-o era natural que o cobrisse de beijos, tão airoso era elle e tão pequenino, tão pequenino que parecia que a natureza, ao esquecer-se de lhe formar a alma, se esquecêra tambem de lhe formar o pé.

«Quando ella passeava a cavallo por essas fertéis varzeas, montada elegantemente n'um lindo cavallo preto, todos se ficavam enlevados a contemplal-a, e não havia donzel nem rico homem que não sacrificasse de boa vontade a vida para fazer brotar um raio d'amor na pupilla negra da gentil Ignez. Mas ninguém o conseguia, e o marmore d'aquelle rosto adorado nunca se purpureára com o rubor da paixão. Engano-me. Paixão sentia ella, vehemente, incestuosa, horrenda, e que lhe devia incendiar o rosto não no vivo escarlata do pejo de donzella enamorada, mas sim no rubor da vergonha e do remorso. A réproba amava seu irmão!

«E não imagine que ella occultasse essa paixão criminosa. Pelo contrario gloriava-se d'ella impudentementê. E o espectáculo, que davam aquelles dois impios, era um escandalo continuo para os bons christãos dos arredores.

«Não se faz idéa das orgias freneticas e loucas, a que no castello se entregavam aquelles dois abandonados de Deus. Quem passasse á meia noite pelo caminho que serpeia na montanha, e onde estava situado o solar defrontando com a igreja, havia de parar cheio de religioso terror ao ver de um lado o immenso clarão das luzes incendiando as vidraças da sala da orgia, ouvindo os cantores ebrios, os risos descompassados, as blasfemias, as musicas voluptuosas, e dando com a vista do outro

lado na casa do Senhor, muda, deserta, sepultada em trevas, como um terrível archanjo que contemplasse com olhar severo os folgares dos malditos, e que esperasse silencioso que soasse a hora da punição.

«O mar batia de continuo nos rochedos e aquelle ruido incessante, se o ouvissem nas salas, havia de lhes soar lugubrememente como a voz justamente irritada do Deus vingador.

«A igreja e o mar! Diante da templo erigido pela piedade dos homens, diante do templo immenso em que mais se revela a imagem da Providencia, como poderia haver quem esquecesse por tal fórma os preceitos da lei divina?

«Pois havia e á noite quando, na mysteriosa soledade da nave, se erguiam os mortos do seu leito de pedra para se ajoelharem diante do altar, quando o vasto Oceano desprendia dos seus labios de espuma o hymno religioso com que celebra a omnipotencia de Deus, accendiam-se as luzes no salão do castello, sentavam-se á mesa da orgia Guilherme e Ignez e alguns cortezãos das suas devassidões, porque os seus iguaes todos se haviam desviado d'aquella Gomorrha amaldiçoada, sobre a qual cedo ou tarde caíria o fogo do céu; e a irmã do castellão, no fim do banquete, cingia a fronte com uma grinalda de rosas, empunhava a harpa, e cantava canções bachicas com essa voz melodiosa, pura e vibrante que os anjos lhe invejavam para descantar os seus hymnos de louvor ao Eterno.

«Um dia o velho capellão, que fôra o primeiro padre que dissera missa na igreja cujo fundador fôra o pai dos dois devassos, dirigio-se ao castello, tencionando chamar para o redil da igreja aquellas duas ovelhas desgarradas por atalhos de maldição.

«Nada conseguiu senão excitar o odio de Ignez, que ouviu furiosa as reprehensões do padre, e que foi immediatamente queixar-se a Guilherme da insolencia do sacerdote, e pedir-lhe, como premio de amor a cabeça do digno homem, como outr'ora Herodias pedia a Antipas a cabeça de S. João Baptista.

«Não ousou conceder-lh'a Guilherme. Conservava ainda, no meio dos seus vicios um respeito supersticioso por seu pai, e não ousava locar na pessoa inviolavel d'aquelle a quem Pelayo confiára o templo que fundára.

«Não insistio Ignez; mas projectos de vingança atroz calaram immediatamente n'aquelle espirito pervertido.

«Uma noite — noite de Natal — a chuva caía em torrentes, açoiando igualmente as vidraças do castello, illuminadas com o clarão do festim, e os vidros de cór da igreja atravez dos quaes

coava a religiosa luz dos tocheiros accesos para se celebrar a tocante solemnidade da missa da meia noite.

«O mar rugia de encontro aos rochedos, e sollava ora gemidos pavorosos, ora lamentosos queixumes.

«O vendaval corria infrene por sobre as ondas.

«De mais folias ainda do que de costume era testemunha o salão do castello. Os gritos dos ebrios ouviam-se cá fóra distintamente, e faziam com que todos os que se dirigiam á missa se persignassem com horror.

«Sentada n'uma cadeira de espaldar junto de seu irmão, Ignez com os cabellos em desordem soltos pelas espaduas n'úas, com a lascivia no olhar e na attitude, desferia a harpa de oiro e descantava as mais alegres canções.

«O vento, e o mar sollavam cá fóra os seus tristes e lugubres lamentos.

«De repente soou meia noite na torre da igreja. Os repiques da sineta annunciaram immediatamente que ia principiar a missa.

«Cessaram os risos e os cantares no castello de Guilherme. Só Ignez com o seu diabolico sorriso a parar-lhe nos roseos labios exclamou :

«De que vos temeis, nobres cavalleiros? Tão desgeitosa estou já no dedilhar da harpa, que lhe prefiram o agudo cantar da sineta? Tão enfraquecida está a minha voz, que cessem de a escutar para ouvirem o bronze de um campanario?

«N'este mesmo instante um raio fuzilou no espaço inundando a sala com a sua luz phosphorica, e o vendaval, redobrando de força, faz em estilhas uma das vidraças.

«Todos sentiram um convulso tremor percorrer-lhes as veias, e o proprio Guilherme limpou o suor frio que lhe escorria na testa. Ignez continuou:

«— Receiaes a tormenta? Quereis um conselho, deixemos esta sala que o vento vai tornar inhabitavel, e que a chuva vai inundar, e vamos procurar um abrigo na igreja. Ali sim que é sala commoda. Utilisêmol-a. Um ultimo copo de vinho, meus senhores, e façâmos a transferencia.

«Todos obedeceram ás ordens da formosa Ignez. Beberam um copo de vinho, e ergueram-se bradando resolutamente: «Para a igreja.»

«O ministro de Deus subira n'esse instante ao altar revestido dos seus sagrados paramentos. Tornavam-n'o respeitavel o seu character augusto de immaculado sacrificador, e ainda mais o seu diadema de cabellos brancos, e a invisivel aureola de virtudes que lhe circundavam a fronte.

«A multidão ajoelhada sentia como que o espirito de Deus baixar ao templo, cercado pelo santo sacerdote. O órgão começava a gemer os seus doces cantares. A tempestade parecia respeitar aquelle sacro asylo, suspirando plangente nas frestas ogivaes, e não rugindo pavorosa, como quando sacudia as suas negras azas em torno do castello.

«Tudo era socego e serenidade n'aquella divina estancia.

«Subito irrompeu pelo portal da egreja a turba dos ébrios em descompostos cantares. Ficou gelada de terror a devota multidão. Perturbado quando erguia a Deus o immaculado espirito, o sacerdote voltou-se e deu com os olhos na bella Ignez, que vinha na frente encostando-se com insolente descaro ao braço de seu irmão.

«Inflammado em santa cólera, o velho ministro do Senhor desceu os degrãos do altar, e, dirigindo-se aos recémchegados bradou com voz sonora, em que vibrava o echo das iras de Deus.

«— Parai, não profaneis o templo, e não obrigueis a fulminar-vos o raio de excommunhão, que vos está impendente.

«Era venerando o vulto apostolico do santo varão. O povo cafu de joelho, e a tempestade suspendeu os seus bramidos, como que, respeitosa e trémula.

«Ouviam os elementos desvairados a voz do ministro do Omnipotente. Só ficavam cerrados os ouvidos dos impios.

«Era porque chegára a hora fatal, e a taça das iniquidades transbordára emfim.

«Ignez sorrio-se meigamente para seu irmão. Que doce, que angelico sorriso ! Quem diria que esse sorriso que rescendia amores, era apenas um incitamento ao assassinio ?

«Pois foi. Guilherme allucinado arrancou do punhal, e ferio o velho sacerdote.

«O sangue espadanou da ferida e salpicou, tingindo de escarlata, o candido vestido de Ignez.

«A multidão fugira horrorisada, os criados, impios como seus amos, haviam trazido n'esse instante a mesa da orgia.

«Mas assim que baqueou o sacerdote, a tempestade, suspensa por um momento, soltou-se com novo furor. Rugio o vento nas frestas da igreja, fuzilaram os raios, bramio, quebrando-se nos rochedos, o Oceano enfurecido, e os tumulos de pedra da igreja estalaram como se fossem de vidro.

«E do tumulo de mais primoroso lavor, surgiu envolto na mortalha, o espectro de Pelayo, o fundador da igreja. Ondeiam-lhe ainda as barbas nevadas sobre o funebre escapulario,

e das orbitas cavadas, coisa horrivel! brotavam lagrimas ardentes.

«Ergueu-se, ergueu-se; já não tocava com os pés no chão marmoreo da igreja. O vento engolphando-se pelo portal do templo, agitava-lhe as prégas da mortalha. Com as mãos unidas, em attitude de oração, o velho finado, subindo lentamente nos ares, parecia um d'esses prophetas que o Senhor Deus arrebatava para as alturas do Emyreo.

«Quando chegou ao tecto, o tecto abriu-se como por incanto e o venerando finado continuou a sua magestosa ascenção na atmospheria que se esclarecia em torno d'elle, como se aquelle cadaver irradiasse luz.

«Os impios haviam ficado immoveis e attonitos de terror. Mas apenas o velho Pelayo se sumio ao longe na região das nuvens, resoou em toda a igreja um terrivel estampido. O orgão vibrou, sem que mão humana o tocasse, e o tremendo *Dies iræ* jorrou em torrentes de severa melodia pela nave do templo. Vacillaram os columnelos, nos frisos e laçarias gemeu o vento em canticos sinistros, e, como se o vendaval a tivesse arrancado pela base, aquella mole immensa levantou-se do chão, oscillou nos ares como impellida por invisivel fundibulario, e arrojou-se ao Oceano, levando no seu seio os profanadores, que soltaram um ultimo rugido de desespero.

«Abriu-se o mar para tragar a preza enorme que se lhe offercia, depois a liquida superficie uniu-se de novo, e essa mortalha immensa, cujas prégas são as ondas, desenrolou-se para encobrir esse cadaver de pedra.

«Desde então todas as noites, ao bater da meia noite, accendem-se os cyrios na igreja sepultada, e, no fundo do mar, os réprobos entoam os psalmos da penitencia.

«A voz de Ignez sobreleva a todas, e exerce ainda, do fundo do Oceano a sua irresistivel seducção.

«Às vezes ergue-se o phantasma da formosa até ao cimo das ondas, e arrasta para os abysmos os incautos que cedem ao magico poder dos seus feitiços.

«Proleja-nos o Senhor contra estas tentações. Eis nos chegados á praia.....

.....

.....

O barqueiro amarrou o bote, e saltou em terra. O moço passageiro ficou largo tempo a contemplar o Oceano.

As ondas conservavam ainda ao longe o seu reflexo escarlata,

e a voz dos precitos, enfraquecida pela distancia, vinha expirar na praia em melancolica toada.

Aos primeiros clarões da aurora tudo se dissipou; apagou-se a pouco e pouco a luz vermelha, ao passo que se ia aclarando mais o horisonte, e que as ondas se iam branqueando com o tenue fulgor do alvorecer.

O canto dos malditos foi tambem esmorecendo a pouco e pouco, até que a ultima nota vibrou solitaria no espaço; e esse silencio singular que precede o romper do dia foi apenas quebrado pelo hymno eterno do marulhar das ondas.<sup>1</sup>

#### M. PINHEIRO CHAGAS.

<sup>1</sup> Não é minha a idéa inicial d'esta lenda. Encontrei-a n'um magnifico livro do conde de Résie, intitulado *«Historia e tratado das sciencias occultas.»*

O livro em que fallo é um optimo archivo de todas as tradições européas. Ha ali thesouros de poesia! Traduzo litteralmente o periodo, que me suggerio a idéa d'este conto. É o seguinte :

«Nas costas do Baltico estava outr'ora situada uma igreja que alguns impios profanaram um dia, e que com elles se sepultou no mar. Quando está socegada a noite, ouvem-se ainda esses desgraçados cantar soluçando os psalmos da penitencia; e vêem-se brilhar atravez das ondas tranquillias os cyrios que accendem no altar, junto do qual estão condemnados a chorar até ao fim do mundo.»

E mais nada.

Como vêem, estava tudo por fazer. Mas a idéa era extremamente poetica e prestava-se a um grande desenvolvimento. Pena foi que a não deparassem escriptores como o auctor das *Lendas e narrativas*, ou como esse poeta da prosa portugueza, que souba dar tão esplendido colorido á *Lenda do castello de Santa-Olaia.* Emfim o conto ahi está, bom ou máo; e com esta nota fica em repouso a minha consciencia litteraria.

## VERSOS A CORINA

Car la beauté tue  
Qui l'a vue,  
Elle enivre et tue.

A. BRISEUX.

Tu nasceste de ùm beijo e de um olhar. O beijo  
N'uma hora de amor, de ternura e desejo,  
Unio a terra e o céo. O olhar foi do Senhor,  
Olhar de vida, olhar de graça, olhar de amor;  
Depois, depois vestindo a fôrma peregrina,  
Aos meos olhos mortaes, surgiste-me, Corina!

De um jubilo divino os cantos entoava  
A natureza mãe, e tudo palpitava,  
A flor aberta e fresca, a pedra branca e rude  
De uma vida melhor e nova juventude.

Minha alma adivinhou a origem do teu ser;  
Quiz cantar e sentir; quiz amar e viver;  
Á luz que de tí vinha, ardente, viva, pura,  
Palpitou, reviveo a pobre creatura;  
Do amor grande, elevado, abriram-se-lhe as fontes,  
Fulgiram novos sóes, rasgaram-se horisontes;  
Surgio, abrindo em flôr, uma nova região;  
Era o dia marcado á minha redempção.

Era assim que eu sonhava a mulher. Era assim:  
Corpo de fascinar, alma de cherubim;

Era assim : fronte altiva e gesto soberano,  
Um porte de rainha a um tempo meigo, ufano,  
Em olhos senhoris uma luz tão serena,  
E grave como Juno, e bella como Helena !  
Era assim, a mulher que extasia e domina,  
A mulher que reune a terra e o céu : Corina !

N'este fundo sentir, n'esta muda anciedade  
Deixa-me ao teu fulgor, astro da mocidade,  
Viver como nasceste, ó belleza, ó primor,  
De uma fusão do ser, de uma effusão do amor.

Viver—fundir a existencia  
Em um osculo de amor,  
Fazer de ambas—uma essencia,  
Apagar outras lembranças,  
Perder outras illusões,  
E ter por sonho melhor  
O sonho das esperanças  
De que a unica ventura  
Não reside—em outra vida,  
Nem vem de outra creatura ;  
Unir um seio a outro seio,  
Derramar as mesmas lagrimas  
E tremer do mesmo enleio,  
Ter o mesmo coração,  
A mesma vida viver  
Tal era a minha ambição.

Donde viria a ventura  
D'esta vida ? Em que jardim  
Colheria esta flor pura ?  
De que solitaria fonte  
Iria esta agua beber ?  
Em que incendiado horisonte  
Podiam meus olhos ver  
Tão meiga, tão viva estrella  
Abrir-se e resplandecer ?  
Só em ti :—em ti que és bella  
Em ti que a paixão respiras,  
Em ti cujo olhar se embebe  
Na illusão de que deliras,  
Em ti que um osculo de Hebe

Teve a singular virtude  
De encher, de animar teus dias,  
De vida e de juventude....

Amemos! Diz a flôr á brisa peregrina,  
Amemos! diz a brisa, arfando em torno á flôr;  
Cantemos esta lei e vivamos, Corina,  
De uma fusão de ser, de uma effusão do amor.

Rio de Janeiro, 1864.

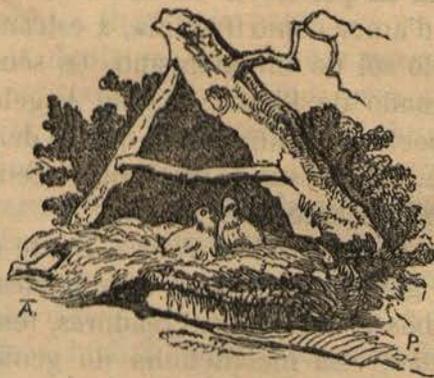
MACHADO DR ASSIS.

# MYSTICA DA ARTE

AO SENHOR ALEXANDRE HERCULANO

Ideal de Miguel Angelo — Sua evolução artistica — Elemento pagão  
na arte moderna — Herança do genio

## I



elevação da alma até á *trans-humanação* de Dante, pela *synderese* ou amor do bem absoluto, que os mysticos obtinham pela ascese da via purgativa, illuminativa e unitiva, entrevio-a Miguel Angelo no acaso da inspiração, quando n'uma de suas poesias disse que viver é desbastar a mole até descobrir a fórmula occulta n'ella. Foi assim que o artista do *Penseroso* se elevou do concreto ao

espiritual puro, dos *frescos* da Capella Sextina á melancholia de suas esculpturas, e d'ahi ao bello abstracto, ao ideal da fórmula sem real na natureza, á verdade subjectiva do typo que não tem archetipo sobre que se funda, — a Architectura.

Se o tempo não houvesse limitado as evoluções d'aquelle grande astro, iria gravitar em volta de outros mundos, transcendendo o espaço na onda sonora da poesia. A linha que se lhe mostrára na sua perfeição, submettel-a-hia a uma lei, entraria na essencia d'ella, e desde esse instante era geometra; d'ahi

baixára ao fundo das cousas, e essa iniciação suprema, como diz Michelet<sup>1</sup>, era a Metaphysica.

## II

O ideal no mysticismo de Miguel Angelo é o amor, como o sonhára Platão no *Banquete*: «Belleza eterna, increada, não caduca, isenta de decadencia como de augmento, que não é bella n'esta parte e feia n'aquella, bella sómente em tal tempo, em tal lugar, em tal relação, bella para estes, feia para aquelles. Belleza que não tem fórma sensível, que não é tal pensamento ou tal sciencia particular, que não reside em nenhum ser differente de si, como um animal ou a terra ou o céu ou qualquer outra cousa, que é absolutamente identica e invariavel por si mesma, da qual todas as outras bellezas participam, de sorte que o nascimento d'ellas ou sua destruição não lhe traz nem diminuição, nem augmento, nem a minima mudança.»<sup>2</sup>

Vittoria Colonna realisou para o artista este sonho do vidente do Sumnium como Beatriz na alma de Dante. Vittoria Collona! que alma para dal-a a tamanho artista, *l'uom di quatr'alme*. Como a poetisa saberia inspirar o poeta, arrebatat com a melancholia de sua saudade o pintor, dar a sua vida toda ao estatuario para animar o marmore, revelar as perfeições da linha ao architecto! Vittoria Colonna falla d'amor como Dyotima, a estrangeira de Mantinea abrasada pelo sol do christianismo. Os seus sonetos são um dialogo apaixonado de Platão; Miguel Angelo deixa-se vencer, como aquelle poeta da antiguidade que se deixára vencer tambem por Corina. Ella possue-se do amor do céu, foge-lhe na suspensão de um extasis amoroso.

Os sonetos de Miguel Angelo são a sua *Vita Nuova*. Dante e Miguel Angelo, são duas almas gêmeas, que saem de um mesmo pensamento do eterno. Ambos poetas, ambos creadores, tem o sentimento profundo da solidão, essa melancholia do genio que paira ermo n'uma região superior. A arte para ambos foi uma corôa de espinhos, mas corôa eterna, immarcessivel.

## III

As poesias de Miguel Angelo nasceram quando a sua alma abysmada de tanto crear, se deixava cair na passividade, até

<sup>1</sup> Origin. Introd. LXVII.

<sup>2</sup> Plat. trad. de V. Cousinit. vi.

ser tocada pela dôr, cantava só quando se tornava humana; mas o seu canto era uma reminiscencia do ideal, era um vôo para elle nas azas do platonismo puro. Esta passagem do humano para o divino em que a carne se faz verbo, eis todo o mysticismo. Elle realisa a mystica da arte christã no seu esplendor. O quadro gigante do *Juizo Final* é o retrato da idade media, escurecido com esse character de tristeza profunda que lhe imprimiu o christianismo, é como a synthese da trilogia dantesca, em que elle se erige tambem em arbitro supremo do universo.

Na *Divina Comedia* está a epopea toda do mysticismo; essa trilogia representa as tres escalas da ascese religiosa. Miguel Angelo estudou ahi o sentimento, a tradição mystica que se revela em todas as suas creações, do mesmo modo que Dante a estudou em Boocio e na tradição dos padres da egreja.

#### IV

Os restos do paganismo que transparecem na religião nova conseguiu o artista determiná-los na sua obra. O grito tremendo que se repetio por toda a parte *os deuses vão-se*, foi uma mentira, foi um sonho dos chronistas antigos para mostrarem a energia dos martyres da egreja primitiva e o triumpho do verbo sobre a theogonia pagã.

A doutrina stoica foi a percursora do christianismo; uma predispozera os espiritos para a outra. Se o judiciosissimo Tacito falla dos christãos com desprezo é por que seguindo a maxima de Aristoteles sobre a escravidão, julgava-a indispensavel para a manutenção da republica, e a religião nascente proclamava a egualdade.

Se vemos tambem o circo salpicado do sangue dos martyres, não é pelo odio á doutrina, é o genio romano na sua decadencia a inebriar-se nos espectaculos de feras, e sem ter mais escravos no ergastulo para atirar á saturnal do imperio. As religiões tinham fraternisado; o neophyto adorna o altar aonde tem a Virgem e Cupido e Venus confundidos por uma piedade rude; o imperador Galerio manda aos christãos que orem por elle ao seu deus.

Esta verdade foi revelada pela arte á historia; é visivel no poema de Sanazarro de *Partu Virginis*. Todos os criticos exagerando os encomios á pureza de sua latinidade, digna da *urbanidade* do seculo de Augusto e do mimo de Virgilio, lamentam-lhe o defeito capital da união do paganismo com o christianis-

mo. De facto no poema *De Partu Virginis* as nereydes vem receber nos braços o Menino que apparece á luz, e confundidos na turba dos pastores vem os faunos e os satyros; é isto o que dá um caracter de verdade legendar ao idyllo de Sanazarro. Os sete dormentes que se escondem no mundo pagão e acordam no seio do christianismo representam esta reminiscencia da arte classica na arte romantica, que tambem Camões sentira.

É o seu primor, a sua característica. Edgar Quinet interpreta o Homero das linguas vivas, vendo ali a união do occidente com o genio do oriente, o enlace do antigo com o novo mundo. Camões deu a conhecer a indole do seu poema: é a tradição da vida aventureira dos mares passada da lyra de Homero e dos rhapsodos do archipelago para o seio do christianismo. Aonde o elemento pagão se torna mais sensivel na arte, é na inspiração da comedia primitiva do moderno theatro europeu.

Miguel Angelo revelou na estatuaria o mesmo pensamento, deixou reflectir na fronte do seu *Moysés* um vislumbre do bruto offuscado pelo raio da intelligencia divina. O elemento pagão na poesia é determinado pela alegoria, na pintura vem com o anachronismo ás vezes rude e sublime.

## V

Na *Cupula de S. Pedro* realisou o artista o pensamento do mysticismo reflectido n'aquelle estado em que a alma paira entre a mystica illuminativa e unitiva, quando ella está como suspensa entre o céu e a terra, prestes a absorver-se em Deus. A *Cupula* é o hymno heroico da igreja triumphante, é a expressão aerea e immensa do amor divino.

Como todos os mysticos que se possuem da alegria do pantheismo e parecem confidenciar com a natureza inteira, Miguel Angelo sente esse delyrio pela igreja de *Santa Maria Novella*; celebra pela arte o hymineu mysterioso do estatuario da Grecia, chama-lhe sua *sposa*.

Voando para o céu na elevação dolorosa da melancholia, sua alma parecia pairar incerta para não levar comsigo todo o thesouro da poesia mystica; appareceu Shakespeare, como Elyseu para receber o manto do propheta quando se remontava no carro de fogo.

THEOPHILO BRAGA.

## CHRONICA SCIENTIFICA

Resumo da chronica anterior. — A luz corada absorve os raios da mesma natureza dos que emite. — A luz do sodio opaca para a luz amarella, e transparente para as outras. — Espectros positivos e negativos. — Analise dos corpos pelos espectros. — Descobrimto de corpos novos. — Influencia da temperatura sobre os espectros de diversas substancias. — Explicações e analogias. — Os *duplos espectros* de Plucker. — O espectro do sol. — Analise do sol pela observação do espectro da luz por elle emittida. — Analise dos espectros das estrellas. — Consequencias.



ermitta-nos o leitor que lhe recordemos, em poucas palavras, o que na ultima chronica buscamos expôr sobre os phenomenos da luz.

A luz não é senão um movimento rapido de vibração das particulas da materia. Esse movimento vibratorio communica-se a um fluido tenue, e immensamente elastico, que enche os espaços, e penetra mesmo por entre os atomos dos corpos. Esse fluido é o *ether*, no qual, por assim dizer, está como mergulhada toda a materia ponderavel do universo. Posto em movimento, pelas vibrações dos corpos luminosos, o *ether* fórma ondas mais ou menos compridas, que se succedem com maior ou menor rapidez, segundo a velocidade e natureza d'aquellas vibrações. Os choques das ondulações do *ether* nos nossos olhos dão-nos a sensação da luz, como os choques das

ondulações do ar nos ouvidos nos dão a sensação do som. O comprimento das ondulações e a sua rapidez determinam a côr com que a luz nos impressiona. À medida que cresce o numero das ondulações, que se succedem n'um dado tempo, n'um segundo, a luz apresenta continuas modificações de côr, formando assim uma escala comparavel á das notas musicaes.

O menor numero de ondulações do *ether*, por segundo, que dá a sensação da luz é 400 billiões, o que corresponde a ondulações tendo o comprimento de 74 centesimas millesimas partes de um millimetro; a estas condições corresponde a côr vermelha do espectro. À medida que as ondulações vão sendo mais rapidas, a que corresponde menor comprimento, vão-se mostrando successivamente as outras côres do espectro solar, as quaes, como o leitor sabe, se podem classificar em sete, havendo entre ellas gradações, cambiantes, que estabelecem nas transições uma perfeita continuidade.

Quando se produz o espectro, fazendo passar atravez de um prisma triangular de vidro um raio de luz electrica, ou de luz emitida por corpos não volateis, nota-se n'esse espectro a perfeita continuidade; a faxa de luz corada, desde o vermelho até o violeta, passando pelo alanrajado, amarello, verde, azul, e anillado, essa faxa, a que se deu o nome de espectro, não apresenta nenhuma interrupção, nenhuma parte obscura.

Se, em vez de decompor a luz electrica ou a que emana de um corpo não volatil, se faz passar por um prisma uma luz em que se haja volatilizado um metal, ou que seja produzida, em geral, por um corpo gazozo incandescente, observamos que o espectro é só formado de linhas coradas, mais ou menos vivas, que occupam diferentes logares do espectro, segundo a natureza do corpo cujos vapores se introduziram na luz. Se n'uma chama d'alcool se introduz um pouco de sal, immediatamente a luz se faz amarella; decomposta pelo prisma, esta luz dá principalmente uma dupla linha amarella. Com outros metaes, como se disse na chronica anterior, a luz toma uma côr mais ou menos bem caracterizada, e, passando atravez do prisma, essa luz dá um espectro, formado de linhas brilhantes, tendo as côres componentes da côr da luz do corpo volatil incandescente.

Depois de havermos recordado estes factos importantes, podemos proseguir no nosso estudo sobre a luz. Quando n'uma chamma se põe em incandescencia os vapores de uma substancia, cujo espectro é formado de linhas brilhantes, e, fazendo passar atravez d'essa chamma uma luz viva, das que podem dar um espectro continuo, se decompõe por meio de um prisma essa luz, que já passou pelas chammas em que estão os vapores do corpo, cujo espectro luminoso é só forma-

do de linhas coradas, observa-se um phenomeno muito curioso, e interessante. A luz que, antes de passar atravez da chamma, dava um espectro continuo, dá agora um espectro interrompido por linhas obscuras: estas interrupções correspondem exactamente ás linhas brilhantes do espectro, que póde originar o corpo, cujos vapores estão incandescentes na chamma, atravez da qual passou a luz. O *sódio* dá, como vimos, á luz do alcool uma cor amarella; essa luz decomposta fórma um espectro, no qual domina uma dupla linha amarella; se fizermos passar um raio da luz eletrica pela chamma do sodio, observaremos que o espectro d'essa luz apresentará, na zona amarella, uma dupla linha negra. Numerosas experiencias de Kirchhoff e Bunsen mostraram, que um gaz ou um vapor absorve exactamente os raios da luz que póde emittir, quando está em estado incandescente.

A luz tem por origem um movimento periodico das moleculas do corpo luminoso, o qual se communica ao ether, e n'elle produz ondulações; de modo que a emissão de uma certa qualidade de luz mostra, que as moleculas do corpo incandescente tem um movimento definido. Assim o vapor do sodio incandescente, que emite luz amarella, tem um movimento vibratorio, o qual communica ao ether ondulações, cujo comprimento é, segundo o Dr. Muller, proximamente de *seis decimas millesimas partes de um millimetro*. Pela mesma razão, observa o sr. Stokes, quando o vapor de sodio cerca um foco de luz deve ter tendencia a prender em si a luz da mesma qualidade. Assim deve ser, pois que as ondulações do ether, chocando as particulas do corpo, cujas vibrações são da mesma natureza, devem em grande parte ser neutralizadas: do mesmo modo que dois sons unisonos se atenuam, quando as ondulações se misturam e interferem.

Ha pois para cada substancia, no estado gazoso, dois espectros; um espectro positivo, que resulta da luz, produzida pelo gaz incandescente decomposta pelo prisma; e um espectro negativo, que resulta da absorpção dos raios corados da mesma natureza, quando uma luz branca passa atravez do gaz e é depois decomposta. O primeiro espectro é formado de linhas brilhantes e coradas, em maior ou menor numero, sobre um fundo escuro; o segundo de linhas escuras, occupando exactamente o mesmo logar do que as linhas coradas, interrompendo a continuidade de um espectro formado de todas as côres, á excepção das que são apagadas pelas linhas obscuras.

Assim, quando uma substancia no estado de gaz ou vapor incandescente emite uma luz, que origina um espectro formado de linhas coradas em determinadas posições relativas, póde afirmar-se, em geral, que n'um espectro completo de luz branca, que tenha atravessado

esse gaz ou vapor incandescente, se hão de achar linhas escuras, correspondendo ás linhas coradas do espectro positivo ; e, vice-versa, quando um corpo no estado gazoso, a qualquer temperatura, mostra um poder especial de absorpção para uma certa qualidade de luz, esse corpo, em resultado da estructura e disposição das suas particulas, tende a produzir as vibrações correspondentes a essa qualidade de luz ; e, quando aquecido até dar chamma, deve dar justamente no espectro os mesmos raios luminosos que absorve : a menos que pela mudança de temperatura, a disposição das suas moleculas não soffra alteração mais ou menos consideravel.

A existencia de espectros dos diversos corpos em estado de gaz ou de vapor incandescente, formados de linhas brilhantes, e bem caracterisadas, levou os srs. Bunsen e Kirchhoff a empregar a observação dos espectros das substancias volatilizadas como meio de determinar a composição chimica d'essas substancias. Um aparelho optico, construido com o fim de tornar facil a observação dos espectros, a medição das distancias entre as linhas coradas ou obscuras, assim como a comparação entre os espectros dos corpos a analysar com um espectro continuo, tornou o processo de analyse espectral de Kirchhoff, de facil applicação. Uma das notaveis vantagens do novo processo de analyse é, sem duvida, a facilidade com que elle dá signal da existencia de uma substancia, ainda que a sua quantidade seja diminutissima no corpo cujo espectro se analysa.

São condições essenciaes para serem proficuas e seguras as analyses spectraes : que se conheçam bem os espectros de todos os corpos ; que esses espectros sejam invariavelmente os mesmos, ou que a mudarem, se conheçam as condições em que tem logar a mudança.

Bunsen fez, logo depois da interessante descoberta de que estamos dando noticia, o estudo do espectro de todos os metaes alcalinos no estado de pureza. Assim se chegou a conhecer quaes são as linhas brilhantes e coradas que caracterisam esses diversos metaes, já livres, já combinados ; linhas que se mostram, quer elles estejam isolados, quer misturados com os outros. Assim, por exemplo, segundo os resultados primeiro obtidos pelos sabios allemães, cujo descobrimento tem fixado tanto a attenção do mundo scientifico, o *potassium* volatilizado e incandescente, dá um espectro formado de linhas brilhantes ; uma na zona vermelha do espectro normal, outra bem definida na zona violeta, e, demais, algumas linhas menos brilhantes no vermelho, no amarello, no verde e no azul. O *lithium* dá um espectro formado de duas linhas, uma situada na zona vermelha, outra na zona amarella do espectro. Reunidos na mesma chamma os dois metaes, observam-se no espectro d'essa chamma as linhas caracteristi-

cas de um e outro. Conhecidas pois as côres da luz, que correspondem aos corpos, e a posição d'essas côres no espectro, ter-se-ha um meio de conhecer quaes os corpos que existem n'uma chamma, no estado de gaz ou de vapor.

A analyse espectral não pôde applicar-se a corpos que não estejam volatilizados, porque esses dão um espectro continuo; para applicar pois este systema de analyse aos metaes difficeis de volatilisar, é indispensavel empregar meios poderosos, meios capazes de produzirem altas temperaturas. Foi por isso que na analyse espectral se empregou a electricidade, produzida pelos aparelhos mais inérgicos de que se pôde dispor. Já na ultima *chronica* fallámos dos espectros de dois metaes, o cobre e o zinco: os espectros d'esses metaes são o resultado da decomposição da sua luz corada, nas côres componentes. A prata a uma alta temperatura, como já dissémos, lança vapores luminosos com uma bella côr verde; o espectro d'esses vapores luminosos é formado por uma linha verde muito brilhante. A luz dos vapores do cobre é tambem verde, mas menos brilhante do que a da prata; decomposta, esta luz dá um espectro onde dominam as linhas verdes: feita, porém, uma analyse mais attenta observam-se, simultaneamente, linhas azues e vermelhas.

Alguns metaes dão espectros muito complicados, isto é, formados de muitas linhas brilhantes em diversas zonas: entre estes deve citar-se o ferro, em cujo espectro se contam mais de sessenta linhas de luz corada.

Pela applicação da analyse espectral a diversas substancias façeis de volatilisar, já se tem descoberto alguns corpos reputados simples, que antes haviam passado desapercibidos aos chymicos, por não serem tão delicados como este os outros processos de analyse. Sujeitando á observação um mineral da Saxonia, os srs. Bunsen e Kirchhoff notaram o apparecimento de dois systemas de linhas luminosas, que não correspondiam ás dos metaes alcalinos conhecidos. Guiados por esta observação, chegaram os sabios professores a descobrir um novo corpo, a que pozeram o nome de *rubidium*. Mais tarde o sr. Bunsen descobriu, nas aguas mães de uma salina, o *cesium*, caracterisado por um espectro, em que sobresaem duas linhas azues muito brilhantes.

Um processo identico levou ao descobrimento do *thallium*, caracterisado por ter uma linha verde, como espectro. O apparecimento de um espectro caracterisado por uma bella linha luminosa, de côr anilada, levou ultimamente ao descobrimento do *indium*.

O aperfeiçoamento dos *espectroscopios*, pelo emprego de prismas capazes de produzir uma grande dispersão da luz, de dar espectros de

grande extensão, onde cada uma das partes póde ser observada minuciosa e distinctamente, e a rapida propagação do methodo de analyse, tornou indispensavel fazer do espectro solar, de que em breve fallaremos, uma discripção minuciosa, um mappa com referencia a medidas rigorosas; foi este trabalho que empreheudeu e executou o professor Kirchhoff. Vulgarizando o methodo, aperfeiçoando os systems e os apparatus de observação, necessariamente d'ahi haviam de resultar descobrimentos importantes, e, sobre tudo, modificações nas idéas e nos factos, primeiro recebidos como verdades incontesteveis. Os espectros de alguns corpos tem-se observado serem mais complicados, do que se julgára pelas primeiras observações. O espectro, por exemplo, do *potassium* contém na realidade muito maior numero de linhas brilhantes do que as primeiras observadas, quando se volatilisa entre os *electrodes*, isto é, pela alta temperatura da electricidade. O proprio espectro do sodio não parece ser tão simples como se julgava; outras linhas coradas apparecem, além da dupla linha amarella, tão conhecida e caracteristica, segundo se conclue das observações do sr. William Huggins.

A temperatura, pelo que se observou nas mais recentes experiencias, tem indubitavel influencia na natureza do espectro produzido por uma substancia; é esta uma circumstancia de grande interesse, a nosso vêr, para a analyse espectral, para a theoria da luz, e para o estudo da materia em geral. Aos factos, que ficam citados, devem acrescentar-se alguns outros extremamente curiosos. Segundo as primeiras observações dos srs. Kirchhoff e Bunsen, que já citamos, o *lithium* parecia ter um espectro muito simples, formado apenas por duas linhas brilhantes, uma vermelha e outra amarella: as observações, porém, dos professores Frankland e Tyndall mostram que, se o espectro do *lithium* é produzido pela luz, que se obtém pela incandescencia do metal á temperatura da lampada de Bunsen, só tem as duas linhas que descrevemos: mas se a incandescencia se faz n'uma temperatura mais elevada, mostra-se logo no espectro uma linha azul muito brilhante.

Estes factos indicam, que a elevação de temperatura, correspondendo a maior rapidez nas vibrações moleculares, e—quando ao calor se associa a luz—a ondulações menores e mais rapidas do ether, modifica a natureza da luz formada por uma substancia, acrescentando, por assim dizer, *mais elevadas côres*, ás côres fundamentaes do corpo, as quaes permanecem. Assim no *lithium* ás linhas vermelha e amarella, que correspondem, como o leitor sabe já, a vibrações das menos rapidas do espectro luminoso, junta-se uma linha azul, que é o resultado de mais rapidas vibrações, ou, por assim dizer, uma *nota*

*mais aguda.* Um facto que se liga com esta ordem de phenomenos, mas que ao mesmo tempo parece conduzir a considerações interessantes sobre a natureza de alguns corpos geralmente reputados simples, isto é, formados, segundo a chymica, de uma só qualidade de materia indecomponivel; um facto que abre á analyse espectral novos horisontes, é o dos *duplos espectros*, descoberto pelo dr. Plucker.

Fazendo passar n'um tubo capillar contendo o gaz azote, a uma pressão pouco elevada, uma descarga electrica, obtem-se d'este gaz incandescente um espectro formado de duas porções distinctas; uma situada na parte vermelha, outra na parte azul; ficando obscuras as zonas correspondentes ao centro do espectro completo. Uma e outra d'estas duas partes do espectro do azote é cortada por numerosissimas linhas escuras, as quaes dão ás duas faxas luminosas, á avermelhada e á azulada, um aspecto estriado. Cada uma d'estas duas divisões do espectro fórma, por assim dizer, um espectro distincto; pois que, fazendo uso de um tubo largo contendo o gaz, em vez do tubo capillar, obtem-se, pela descarga electrica, uma luz côr de oiro, a qual, decomposta pelo prisma, só dá a faxa corada da metade vermelha e amarellada de espectro; empregando uma pequena botelha obtem-se uma luz azulada, e só, pela decomposição, metade do espectro acima descripto, corresponde a esta luz. O espectro vermelho produz-se isolado, quando a temperatura é relativamente baixa; quando é mais alta torna-se a luz azulada, e forma-se o espectro correspondente. Estes espectros, como dissemos, tambem se podem manifestar simultaneamente. Empregando uma temperatura ainda mais elevada, do que as que produzem os dois espectros estriados, por meio da electricidade no tubo capillar cheio de azote obtem-se um espectro formado de linhas brilhantes, sem relação alguma com as faxas estriadas dos outros dois espectros.

O enxofre dá dois espectros, um, a uma temperatura relativamente baixa, constituido por espaços luminosos cortados de numerosas linhas escuras; outro, a mais elevada temperatura, em que se observam linhas brilhantes. Phenomeno identico observou o dr. Plucker, com outros muitos corpos. «Achei, diz o dr. Plucker, que certos corpos, que *por emquanto seria precipitado dizer que não são simples*, (azote, enxofre, etc.) dão, segundo a temperatura, dois espectros absolutamente differentes, um que corresponde á mais baixa temperatura, e outro á mais alta.» Este descobrimento lançou uma tal ou qual confusão na analyse espectral, que a ser como a consideravam os seus primeiros descobridores, e nós acima a descrevemos, apresentava notavel simplicidade. Ha corpos de que nós conhecemos um só dos espectros, sem podermos dizer se é o primeiro ou o segundo;

outros, taes como o *barium* e o *stroncium*, que talvez apresentem simultaneamente os dois espectros. Com tudo, se o descobrimento do dr. Plucker traz difficuldades á analyse espectral, é tambem certo que, por elle, se poderá talvez chegar a descobrir meio, de desdobrar em substancias distinctas, chimicamente, algumas das que hoje passam por simples; aproximando-nos assim por desdobramentos successivos da materia primordial.

A breve exposição que acabamos de fazer mostra, que todos os corpos, no estado de vapor ou de gaz, quando estão incandescentes a uma temperatura muito elevada, emittem luz com propriedades especiaes, a qual, decomposta pelo prisma, fórma um espectro interrompido, mais ou menos complicado; mas sempre formado de linhas distinctas, variamente coradas, e occupando, em relação ás zonas em que o espectro continuo e completo se póde dividir, determinadas posições. Além d'isto, notamos tambem que uma luz, capaz de formar um espectro continuo, passando atravez de um d'esses gazes ou vapores incandescentes, e ás vezes mesmo não incandescentes, perde justamente as qualidades de luz, que taes gazes podem emittir; de modo que o espectro formado pela luz, depois de assim modificada, apresenta traços obscuros, collocados exactamente nos lugares, onde os espectros directos dos gazes ou vapores são formados de linhas brilhantes.

Quando se faz passar um raio de luz do sol por um prisma que tenha um forte poder dispersivo, e se analyza a faixa luminosa e corada, o espectro que se fórma em virtude da decomposição da luz, nota-se que esse espectro é cortado por uma quantidade enorme de linhas escuras. Fraunhofer estudou estas linhas escuras, fixou-lhes a posição no espectro solar, classificou-as, e designou-as por letras, a fim de se poder a ellas fazer referencias com rigorosa exactidão: as observações modernas, com instrumentos perfeitos, tem tornado patentes uma immensidade de linhas obscuras no espectro do sol, que não eram antes conhecidas; tem provado que muitas linhas, ou riscas, que pareciam simples, são formadas pela união de muitos traços escuros finissimos. Partindo das observações que levaram a reconhecer a reciprocidade entre a emissão e a absorpção da luz, o sr. Kirchhoff pôde elevar-se a uma das mais esplendidas generalisações que illustram a sciencia moderna. O sr. Kirchhoff tirou, da observação dos traços escuros do espectro solar, um methodo para analysar a composição chimica d'este astro luminoso. Comparando o espectro da luz do sol, com os espectros positivos e negativos de substancias conhecidas, os srs. Kirchhoff e Bunsen determinaram a correspondencia das linhas escuras do espectro solar com as dos espectros d'essas substancias; ora, quando estes são complicados, como por

exemplo o do ferro, é grandissima a probabilidade de que a correspondencia represente uma causa identica, actuando na producção dos dois espectros que se comparam. Os dois sabios allemães, dos seus estudos comparativos, concluíram, que uma luz emittida pelo corpo central do sol, e capaz de produzir um espectro continuo como a luz electrica, ou a de um corpo não volatil, atravessava, antes de nos chegar, uma athmosphera gazoza incandescente, na qual estão volatilisados os corpos que, pela correspondencia das linhas escuras e luminosas, os espectros do sol e dos corpos terrestres nos revelam. Por este methodo se reconheceu a existencia no sol do ferro, do cobre, do zinco, do calcio, do sodio e de outros metaes, que se mostram em maior ou menor abundancia na terra.

Depois das admiraveis observações dos srs. Kirchhoff e Bunsen em relação ao sol, era natural que observadores se applicassem ao estudo dos espectros de outros astros, com o fim de reconhecerem se n'elles havia ou não linhas escuras, e se d'essas linhas se podia concluir alguma coisa em relação á composição chimica dos astros. Os srs. Donati, de Florença, e Secchi, de Roma, o physico francez Janssen, e o sr. Rutherford, emprehenderam trabalhos d'esta natureza, obtendo resultados que, salvas pequenas differenças, que em parte devem ser attribuidas aos methodos e instrumentos de observação, são concordantes. De todas as observações d'esta natureza merecem particularmente ser citadas as dos srs. Huggins e Miller, expostas n'uma memoria apresentada á Sociedade Real de Inglaterra no fim de maio d'este anno.

Usando de um *espectroscopio* muito perfeito, os dois observadores inglezes, reconheceram que a luz da lua e dos planetas conservava os caracteres da luz do sol, e dava espectros com as mesmas linhas obscuras. Observando os espectros de quarenta a cinquenta estrellas fixas, acharam em muitos d'elles coincidencia entre os traços escuros, e os dos elementos terrestres cujo espectro tem sido estudado. Na estrella Aldebaran, por exemplo, parece reconhecer-se a existencia do sodio, magnesio, hydrogenio, calcio, ferro, bismutho, tellurio, antymonio, e mercurio: em Sirio póde suppôr-se a existencia do sodio (que fôra negada por outros observadores), do magnesio, hydrogenio, e talvez do ferro. É pelo variavel poder absorvente da athmosphera das estrellas, que os dois sabios inglezes procuram explicar a variedade de côres d'esses astros. A luz do nucleo das estrellas deve ser a de um corpo solido; branca, e capaz de formar um espectro completo e continuo; atravessando a athmosphera das estrellas, uma parte dos raios luminosos perdem-se por absorção, ficando só os que dão a côr á estrella.

A analyse spectral é um descobrimento de moderna data. Falta-

lhe ainda muito para chegar a ter aquelle rigor e exactidão, que só uma longa applicação, e numerosas observações podem dar a um processo de observação tão delicado, como este é; comtudo os seus resultados praticos são já da mais elevada importancia, as induções que d'elle se tem tirado das mais sublimes, e os horisontes que elle abre á sciencia dos mais vastos.

J. D'A. CORVO.

## CHRONICA DO MEZ



ns restos de Lisboa, gente que não foi ainda ou não vae este anno para o campo, tem entretido o seu ocio e o seu dinheiro todo este mez em ir aos beneficios do Passeio Publico. É mais do que desagradavel, é verdadeiramente reprehensivel o abuso com que de um logradouro publico se arma constante ratoeira aos tostões da familia portugueza! O inverno vae encontrar toda a gente arruinada, por causa das caritativas festas. Pare de uma vez esta mania das commissões philantropicas, e dos beneficios para *todas las cosas del mundo y muchas más*; já se conta de um philantropo encartado, a quem davam não sei que emprego n'uma secretaria, haver respondido todo enjoado:

— Quatrocentos mil réis! Como hei de eu remediar-me com uma bagatella d'essas! Mais do que isso posso eu fazer de ordenado nas commissões de beneficencia!

O Passeio Publico foi o *El Dorado* das especulações de caridade; ha beneficio para concertar egrejas, para restaurar sacristias, para comprar sinos e levantar pulpitos, para todos os asylos e mais alguns, para alcançar votos para as eleições etc. etc.; o divertimento no passeio é simplesmente passeiar e tomar ar: pois, para tomar ar e passeiar, o chefe de familia que tenha sete pessoas é obrigado a gastar de entrada e de cadeiras os seus dez tostões! Fóra do Passeio, encostada ás grades, espreitando as luzes, o movimento, a festa, está a turba avida, a turba dos que não podem comprar ar a tostão; e nas casas ficam familias e familias, que não são bastante ricas para poderem passeiar no Passeio Publico; toda esta gente iria ali, não aos domingos e quintas feiras segundo a methodica convenção que se estabeleceu, mas todas as noites, se a entrada custasse dez réis! «Nem a todos é dado ir a Corintho!» dizia out'ora Horacio, esse folhetinista da antiguidade; hoje poderia com igual razão dizer-se: «Não é dado a todos ir ao Passeio Publico!»

De dia, sim: por isso aos domingos ninguem lá cabe das quatro da tarde ás sete! É um prazer economico e brioso; assiste-se sem quebra d'amor proprio ao espectáculo curioso d'aquelle amalgama de todas as sociedades lisbonenses. Em redor do coreto estão os fanaticos melomanos, que saboream em delicia os *pots-pourris* do sr. Reinhardt e desabafam por vezes em applausos seu soffrego enthusiasmo. Outros, para quem a musica é simplesmente um pretexto para passear, aglomeram-se na rua do centro; é o peor local para ouvir e o melhor para ser visto.

Ha ali tres classes de publico distinctissimas. A raça *philipôa* (de *philipão*, chefe de familia) á qual a chuva, um sol tropical, o vento, a poeira, não fazem móssa. Recrutada entre a burguezia infima, de logistas mal estabelecidos, empregados de terceira ordem, e militares velhos, gente que nunca vae a S. Carlos e anda avida de musica gratuita: nada poderia citar de singular e curioso n'esses adoradores do trombonne, n'esses entusiastas do clarinete; pela sua immobilidade seria facil julgal-os surdos, se nos trechos maviosos os não vissemos a balançarem a cabeça mui cadentemente para inculcarem uns aos outros que entendem de musica.

Permitta-se-me abrir aqui um breve parentese a proposito das musicas militares. Quando n'um dia de parada se escutam aquellas symphonias ruidosas mesclando-se ao trote dos cavallos, aos clamores da multidão, ao troar do tambor, ao pregão dos vendilhões, ao motim cadenceado das armas, — sente-se uma pessoa impressionada de jubilo e de coragem, e não ha seguramente sensação que mais sobresse e enleve; — mas se durante uma hora se escutam attentamente symphonias de opera, actos quasi inteiros, melodias

feitas para instrumentos de corda, e interpretadas por latões, muda muito o caso, e vem o desejo de pedir ás musicas militares que toquem marchas e composições ligeiras, e deixem o *Guilherme Tell* ao theatro italiano.

As outras classes são as das solitarias deidades que por ali se sentam, dando ao Passeio uns ares de jardim de Armida, como se cada arvore dêsse asylo a uma divindade; — e os janotas de festa de guarda, que expõem nos dias memoraveis a sua elegancia domingueira.

Nas ruas lateraes desaparecem as cathogorias. Todas as classes, todas as edades, todas as posições, todos os mundos se confundem; é um microcosmo da gente da capital. Vae uma fidalga a passo com uma adella, um deputado ao lado de um barbeiro, a cadeira da serenissima esposa de um rico negociante está costas com costas com a de uma actriz da Rua dos Condes, um general é visinho de banco de um veterano, e um socio da academia está ao pé do auctor das rimas da «morte de Maria Rita!»

Ha pessoas que affectam estar de posse permanente do mesmo logar; podia escrever-se-lhes nas cadeiras «concessão perpetua.» Outros mudam a cada instante, vão de grupo a grupo, giram, borboletêam, e parecem considerar o Passeio Publico como uma sala em que estão incumbidos de fazer as honras!

Ás cinco horas principia a musica. Ergue-se o panno: examinemos os actores da comedia.

Já cá está a divindade campestre que preside a este recinto, o Passeio Publico feito homem, o protagonista d'esta theoria immensa; é um barão velho, baixo e leve, galanteador com todas as mulheres, offerecendo-lhes rebuçados e cadeiras, conhecendo todos, conhecido por toda a parte, olho vivo, pé pequeno, chibatinha a meio riste, e uma phrase prompta para a primeira criatura do sexo fragil que lhe fique ao lado.

Uma espectacular criatura, que os pobres do asylo dizem «que veio dos Brazis; vestido no genero arco iris, regallo de pennas, chapéu que faz mal á vista; uma orgia de côres, que empallidece o marido!

Esta familia não falha; o porteiro já a conhece, e, levando delicadamente a mão á palla do bonet, dirige-lhe umas vezes por outras alguma phrase n'este genero:

— Hoje vêem mais tardinho!

Ou:

— A musica principiou agora!

Ou, se Suas Magestades estão no Passeio:

— Ainda apanham as pessoas reaes!

Ou, se não vem uma das senhoras:

— O ranchinho hoje não está completo. A outra senhora tem cousa de cuidado?

São quatro. Todas ellas baixinhas, espertinhas, e exquisitinhas. Os seus namorados consideram-as elegantes. São visiveis á missa da uma hora, quando está tempo secco, á janella das duas ás tres, e no Passeio das quatro e meia em diante. Seus haveres passam inteirinhos para o mialheiro dos alugadores de cadeiras. Coisa alguma perturba sua impassibilidade; uns poucos de estudantes da Polytechnica divertiram-se uma noite a passar diante d'estas damas e dizer simplesmente: «Aqui está a sr.<sup>a</sup> \* e suas manas!» Era absurdo mas não deixava de ser bom. Não diziam senão isto, e continuavam a andar muito sérios: Aqui está a sr.<sup>a</sup> \* e suas manas!

Este sujeito, vem amar. Traz bilhetinhos na algibeira que distribue a uma e outra á sahida, aproveitando-se da penumbra e do apertão; bem devem ter reparado n'elle: barba preta comprida, vigorosa cadeia de oiro por fóra do casaco, calça côr de abobora menina, — é pouco! calça côr de betarraba é que é. — Esta menina e sna mamã, vão muito a bailes e concertos. O pae era socio da academia das sciencias, — ou, enganei-me, era socio da philarmonica das Pedras Negras. A mãe é mui doutora e a menina *idem*. Muito espirito, e bastante semceremonia. Já lhe ouvi dizer n'um baile, ao seu valsista: «Paremos um momento; estou transpirando como um segredo mal guardado!» Este estylo arranjou ao valsista uma doença, que deu cabo d'elle.

Olhem o commendador! Auctorizado abdomen, presença satisfatoria, e maneiras melifluas: dá o braço a sua esposa, dama comprida como uma noite sem ceia, e traz pela mão o menino que vem vestido de militar.

Passa uma onda, um mar, um oceano de tafues domingueiros, de pescoço encarcerado em colleirinhos assassinos, colletes feitos de um bocado do *arco da velha*, calças funil, côr de pulga assustada, bengalla preciosa, modos conquistadores, insinuantes, irresistiveis, e olhares que parecem *revolvers*, persuadidos de que toda aquella gente vae ali para os ver, e contentes em apanhando uma vista benevola de alguma anafada ratona que cassôe com elles.

Aqui vae o avô, a avó, tres filhas, tres genros, doze meninos; uma das filhas, trigueirinha tentadora, é casada com um cambista; um dia, um individuo fez parar o cambista em plena rua do Passeio Publico, e perguntou-lhe com toda a attenção:

— O sr. não é cambista?

— Sou, sim senhor!

— Eu desejava trocar...

— Uma libra?

— Não senhor : desejava trocar a minha mulher pela sua !

— Quê ? !... O sr. é um grandissimo atrevido !

— E ainda lhe torno alguma sobra, se quizer ! retorquiu o sujeito imperturbavel.

O pae, a mãe, e a filha : cincoenta contos de dote, e um dia duzentos contos ; é agradável. Tem seus contras, bem sei ; mas a gente não casa com o sogro ; que elle, por fim de tudo, tem de hom o parecer criado ; vão lá adivinhar que é sogro ! O que valia a pena era tirar do dote uma pensão, com a condição de elle ir comel-a no Brazil. Dizem por lá que a febre não rapa senão as pessoas intelligentes ; podia viver muito !

Estes conjuges grunhem sempre :

A *esposa*. Francisquinha, ponha-se ahi quieta, para ouvir o *Guilherme Tell* do sr. Arthur Reinhardt !

O *marido* (suavemente). Querida filha, o *Guilherme Tell* é de Rosini ! O sr. Reinhardt é o director da banda da armada.

A *esposa*. Forte sécca. Olhe que vale bem a pena de me reprehender por isso ! Francisquinha, ouves ? É a *Semiramis*, estão tocando a *Semiramis* !

O *marido* (ainda mais suavemente) Enganas-te, amorsinho, isto é um trecho da *Velhice namorada* !

A *esposa* (colerica). Quem lhe pergunta o que é ? Quando acabará com esse costume de me contradizer ? — Lembras-te, Francisquinha, a *Velhice namorada*, que o Paixão cantava em S. Carlos !

O *marido*. Ó filha, pelo amor de Deus ! Era o Taborda, que fazia de Paixão, e cantava no Gymnasio !

A *esposa*. (rompendo em pranto). Basta ! É de mais ! Uma tyrannia por este feitio, diante de nossa filha, diante d'esta gente, diante de toda Lisboa ! (*beijando a filha entre soluços*), Francisquinha, adorada filha, nunca te cazes !

*Córo de pessoas que presenciam*. Pobre senhora ! Infeliz senhora ! Desditosa senhora !

Às sete horas, o trombone exhala a sua ultima nota, os musicos retiram-se, a multidão põe-se em debandada, e vae cada um para suas casas.

Comquanto isto não seja fabula, leitor amicissimo, aqui vae todavia a moralidade :

Ouvi outro dia um moço, bem disposto e agradável, estar dizendo a uma senhora :

— V. Ex.<sup>a</sup> minha senhora detesta o Passeio ; tem horror á musica militar, acha duras as cadeiras, e os bancos cançam-a por terem as costas recuadas de mais, e tem rasão ; queixa-se V. Ex.<sup>a</sup> de que o Passeio fica triste por muito empregado publico que aqui anda, odeia

o fumo do tabaco, e todavia vem cá regularmente todos os domingos; seria indiscreto perguntar-lhe o que a traz aqui?

— Não, respondia a senhora córando; é que... E o sr. é porventura fanatico dos *pots-pourris* do sr. Reinhardt?

— Nem por isso, minha senhora, mas de verão não ha bailes, estão fechados os theatros, e acho o Passeio um sitio trivial e que não compromette, onde tenho a certeza de encontrar V. Ex.<sup>a</sup>...

Não ouvi senão isto, mas partilho plenamente as opiniões d'esse cavalheiro; tanto mais que a musica é um elemento poderoso de civilisação, que suavisa os costumes, lisongea os corações selvagens, e adoça as mais rebeldes virtudes!

A proposito de virtudes, — tivemos Mr. Charles na praça do Salitre lutando com quatro mariolas, a quem elle offerecia o producto da enchente se o vencessem, e, se fossem vencidos, dois mil réis, para uma *boa acção*, ouvi dizer.

Charles comprometteu-se ridiculamente por uma baboseira nojenta que dirigiu em fórma de carta a um jornal de Lisboa, que não se lhe mostrára favoravel, carta que nenhum periodico publicou nem podia publicar porque tinha tanto de offensiva como de tolla, mas que elle fez espalhar em impressos pelos botequins e lojas de Lisboa, e lhe valeu de alguma fórma o cair... antes de lutar.

O primeiro espectáculo teve logar no domingo 21, mas, como a luta ficou indecisa e se espera segunda funcção, reservemos a historia de ambas para a chronica immediata, e daremos acta completa das duas memoraveis sessões. D'aqui até lá, meditemos no nada das coisas humanas!...

A companhia do theatro normal continua no Porto, fatigada de triunfos e de telegrammas; Ernesto Biester cercado de pennas riquissimas de oiro e de prata, chega a querer escrever com penna de aço como qualquer de nós e não lho consentem; do actor Santos já não se falla em prosa e quando se lhe querem tecer louvores dirige-se-lhe a palavra em verso; o nosso bom Tasso depois d'aquelle burburinho não poderá resignar-se a voltar para aqui; necessariamente lhe será difficil, depois de tantos applausos, tantas ovações, tantas poesias, tantos artigos, tantos almoços, tantos jantares, tantas ceias, tantos brindes, tornar á vida antiga; é o caso de fazer-lhe a paraphrase do proverbio italiano — *Veder Napole e poi morire!*

Na capital, a monotonia reina em todo o seu cinzento imperio; os jornaes não arriscam a minima sombra de uma novidade; houve cinco incendios n'um dia, creio que para mostrar a bomba nova ao povo e dar-lhe uma distracção; é uma bomba a vapor, que assovia, deita fumo, e contém n'um tanque suplementar uma ou duas pipas

d'agua que despeja subitamente no incendio, inundando as casas; deve fundar-se uma companhia de seguros *para a agua das bombas*, porque as companhias de seguros que por ahi ha são para os incendios... mas não para as inundações, e d'esta fórma o que se salva do fogo fica perdido na cheia!

A esterilidade do mez foi apenas interrompida por dois acontecimentos importantes; o sr. Julio Caldas, escriptor principalmente conhecido pelos litteratos e estudiosos que presam os dotes notaveis da instrucção e talento util d'este cavalheiro, fez a descoberta de uma combinação de farinhas que suppreem as rações ordinarias dos gados, não só com vantagem no abatimento do preço, mas na qualidade das substancias: e o sr. Latino Coelho, peregrino talento que tanta honra dá ás letras do nosso paiz, annuncia de collaboração com o mesmo sr. Julio Caldas um dictionario etymologico, prosodico, e orthographico. Seria pueril recommeudar esta obra; a orthographia entre nós não tem tido autoridade, — quero dizer auctoridade, — isto é, authoridade, — mau! ahi vae a propria auctoridade escripta de tres maneiras — não tem tido, ia eu dizendo, auctoridade a que se encostar. O paiz principiava a sentir-se doente em resultado de uma absorpção prolongadissima de prosa incorrecta, e consta que um dia d'estes se fará uma petição ás camaras de um projecto de lei destinado a reprimir os extravios de linguagem nas publicações quotidianas, podendo o castigo ser graduado da seguinte fórma:

Um erro em cada dez linha .....	Cinco tostões de multa
Dois erros .....	Meia libra
Tres erros .....	Seis mil réis
Quatro erros .....	Dois mezes no Limoeiro
Cinco erros .....	Um anno de prisão
Seis erros ..	Grilheta
Sete erros .....	Costa d'Africa.
Oito erros .....	Morte

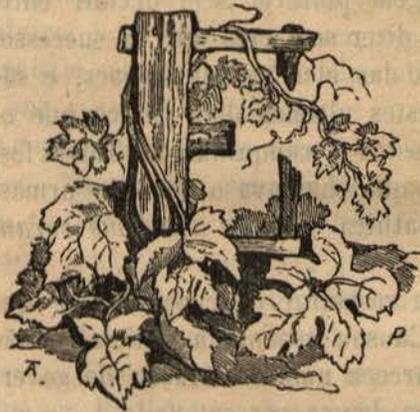
D'ahi para cima, diz-se que hão de ser os tribunaes que julguem, e incumbe-se isso á prudencia e illustração do jury; — não póde ficar mais bem entregue!

Um dos pontos em que se revêla quanto Lisboa actualmente se enfastia, é a ratice dos annuncios; no *Portuguez* de 7 um sujeito entôa um hymno ao regedor da freguezia de S. Lourenço e quasi que pede vista de gloria para o sujeito porque, depois de haver gravemente suspeitado d'elle, o reconhece puro. «Já por vezes, diz o annunciante, tendo visto aquelle regedor as lagrimas me rebentam de mágoa!» Este triumpho sentimental dos regedores deve-se ao verão; não sabe uma pessoa em que ha de passar o tempo, e faz hymnos! — O cambista Peres annuncia que abriu os bilhetes n.ºs 660 e



## CHRONICA POLITICA, NACIONAL E ESTRANGEIRA

### I



stá proximo o dia das eleições geraes. No dia 11 de setembro escolherá a nação portugueza os deputados que teem de represental-a em côrtes. A agitação politica que era já visivel, é agora mais animada, e em cada dia virá a ser mais activa, e vigorosa.

Dizemos agitação porque os candidatos acodem aos seus respectivos circulos, os partidos empenham-se em proteger os seus amigos, os influentes que são ge-

neraes n'esta campanha, passam revista aos eleitores, e o movimento geral além de convergir para um ponto unico, é mais apressado e ruidoso do que nos tempos ordinarios.

Mas assim mesmo a actividade e energia eleitoral differem muito do que foram em outros tempos, e sem que a indifferença ou apathia dos povos a tenham diminuido, desenvolvem-se hoje mais brandamente. Offerece aspecto novo a luta eleitoral em quasi todos os districtos do reino com raras excepções.

Não ha questões politicas, e as economicas, porque assim o digamos, ainda se não manifestaram. A liberdade francamente adoptada e mantida aniquilou a politica geral, e o progresso material, tão estimado n'esta quadra, creou ou antes desenvolveu a politica local. Houve tempo em que por causa da alteração de uma virgula em qualquer dos paragraphos em que o artigo 145 da Carta trata das garantias, metade da nação se armava contra a outra metade. Hoje por uma estrada, por uma ponte, por um ramal de caminho de ferro não faltaria quem desse o artigo inteiro. É mau que seja assim, mas na realidade não é de outro modo.

E não foi só o progresso material que produziu esse phenomeno, a lei das eleições, essencialmente descentralisadora, contribuiu poderosamente para tirar á luta o character de combate geral e simultaneo que tinha anteriormente. Hoje tudo é local na regra e nas excepções; nos sitios em que se receia peleja mais renhida, são locaes os interesses que se aggridem reciprocamente, e as individualidades que os representam.

D'ahi resulta que se em alguns circulos se não acatarem respetosamente as leis, faltará ás infracções a uniformidade de principio que outr'ora dava unidade ás queixas, e ás resistencias que se lhes seguiam. Já se está notando a verdade d'esta observação.

Em Villa Real tem havido alguns acontecimentos desagradaveis a que uns dão e outros recusam origem politica. Sem decidir entre estas opiniões oppostas, poderemos dizer sem erro que os successos d'aquelle districto prendem com os das eleições municipaes, e são resultados das mesmas causas. N'estes ultimos dias parece que os animos se teem mostrado mais dispostos á tranquillidade. Talvez fosse por causa de uma proclamação que chamava o povo ás armas. É moda hoje a medicina homœopathica. *Similia similibus curantur.*

Fallou-se ha dias em que se iam restaurar os conventos, e que teriamos de novo frades e freiras. Causou espanto a noticia, e não faltou quem tocasse a rebate. Apareceu uma declaração do governo desmentindo o boato, e o publico deu-se por satisfeito.

Espalhou-se logo depois que a Hespanha, offendida de que a marinha portugueza tomasse nas aguas da nossa costa africana um patacho visivelmente preparado para o trafico, nos reclamava indemnisação e muitas outras coisas. Dizem agora que já se convenceu de que não tinha direito para tanto. Assim o affirmam os jornaes do reino visinho, cujo parecer se nos manteve favoravel.

Estes foram os principaes factos politicos d'este mez, durante o qual o governo publicou o regulamento da lei hypothecaria, extinguiu a Companhia das aguas, não aceitou o conselho de restabele-

cer a *União Mercantil*, abriu depositos para os cereaes estrangeiros em Lisboa e Porto, e mandou estudar por diversas commissões assumptos importantes.

Não se modificou o que se chama situação politica. O que era ha um mez, é hoje, e as probabilidades eleitoraes em favor do governo se não augmentaram, com certeza não diminuíram.

## II

É toda paz a Europa. Desarma a Russia, desarma a Austria, e até a Prussia despede a sua meia duzia de soldados. Entretanto os soberanos viajam. O rei de Hespanha vae á côrte donde partiu Filippe V fundador da sua dynastia, e é recebido pelo principe que substituiu no throno de França o ramo primogenito da casa de Bourbon. O rei da Prussia marcha para Vienna a visitar o seu antagonista natural e hoje alliado e amigo.

Tratam d'estas entrevistas de principes as principaes folhas da Europa, mais para celebrar as festas a que deram causa, do que para calcular as consequencias politicas do caso, porque acima da vontade embora justa dos principes, estão os interesses das nações, e as circumstancias que determinam e regulam a acção dos governos.

Acabou a guerra dos ducados. A Dinamarca ficou reduzida ás ilhas e á Jutlandia. Ha quem diga que ficou melhor. É porém de opinião contraria o povo dinamarquez, e por menor que seja a conta em que o tenham, sempre se pôde dizer d'elle: *Que mais sabe o tolo no seu, do que o avisado no alheio.*

Agora a difficuldade está em resolver o que se ha de fazer dos ducados. Não podem ser da Prussia, que o não permite a Austria; nem podem ser da Austria que o não permite a Prussia. A confederação germanica protesta que são seus, e que o rei da Dinamarca não podia cedel-os porque não eram d'elle. Mr. de Beust, o infatigavel ministro saxonio, viu talvez n'este caso bom ensejo para o seu papel de Cavour allemão, e tem escripto largas notas diplomaticas, a que em Berlin e em Vienna se não dá de certo a importancia que merecem as locubrações politicas de um ministro para quem Dresden e Francfort já são theatro acanhado.

Por ora vê-se que os allemães sabem o que não querem, porém a respeito do que desejam, estão realmente em desaccordo. Se a inauguração dos ducados em soberania independente, e a escolha do seu soberano fossem dous negocios faceis, seria a melhor solução actual, mas parece ainda remota a epoca em que se ha de chegar a esses arbitrios.

Entretanto os ducados têm de pagar a liberdade prusso-austriaca,

e depois de sairem das mãos dos dinamarquezes, entregarão aos libertadores boa parte dos seus haveres. Parece que não lhes agrada o beneficio. De sorte que ao cabo de uma guerra e de muitos sacrificios, libertadores e libertados, vencedores e vencidos, belligerantes e neutraes, todos estão descontentes!

Na Irlanda ha desordens e na Suissa tambem. Genebra e Belfast andam em tumulto. Na Irlanda não é novidade o que está acontecendo. A Grã-Bretanha á força de exportar liberdade, tolerancia, e bons principios, chegou a ter falta em sua propria casa.

No socego em que está a Europa tem dado que fallar o casamento do principe real de Italia, que anda viajando em quanto os politicos tratam de adivinhar o nome da princeza que virá a ser sua esposa. Que é e que não é a princesa Anna Murat, dizem todos os dias os jornaes da Europa. O tempo nos dirá quaes foram os melhor informados.

Não ha novidades na Europa, e as da America são como sempre. Hoje a fortuna favorece os do Norte; amanhã protege os do Sul. Veremos quando se resolvem a terminar aquella cruenta guerra á sombra da qual o imperador Maximiliano procura organizar o seu perturbado imperio.

Apesar da prespectiva pacifíca do mundo, não póde haver grande confiança na duração da paz. Todas as questões estão a pedir decisão, e ninguem lh'a quer ou ninguem lh'a póde dar. É pois um armistício a que nos temos a benevolencia de celebrar como se fosse paz octavianna.

A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS.